



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
INSTITUTO DE LETRAS – IL
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS – LIP

**Zoomorfia em metáforas e expressões idiomáticas no ensino de português
brasileiro como língua adicional**

Mayra Caroline Araujo Machado

Brasília, DF

2025

MAYRA CAROLINE ARAUJO MACHADO

**Zoomorfia em metáforas e expressões idiomáticas no ensino de português brasileiro
como língua adicional**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à
Unidade Acadêmica da Universidade de Brasília
como requisito parcial para a obtenção do título em
licenciatura em Letras - Português do Brasil como
Segunda Língua.

Orientador: Prof. Dr. Dionei Moreira Gomes

Brasília, DF
2025

FICHA CATALOGRÁFICA

MACHADO, Mayra.

“Zoomorfia em metáforas e expressões idiomáticas no ensino de português brasileiro como língua adicional” Orientação: Dionei Moreira Gomes, Brasília, 2025. 46 páginas.

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (G) – Universidade de Brasília/ Instituto de Letras/ Departamento de Linguística e Línguas Clássicas, 2025.

1. Zoomorfização. 2. Metáforas. 3. Metonímias. 4. Expressões idiomáticas. 5. Português Como Língua Adicional (PLA).

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus Pai, misericordioso, e força espiritual, que me acompanha diariamente para que eu não desista dos meus sonhos nem de mim própria.

Agradeço à minha família, que sempre apoiou minha jornada acadêmica.

Agradeço às minhas amigas e aos meus amigos do coração e da vida: Ludmilla, Carol, Thamyres, Isabela, Débora, Mateus, Jamyller e Jhean. Sinto saudades de todos.

De modo especial, agradeço à Aline e ao Diego, meus amigos de graduação, e parceiros de pesquisa, pelas trocas, leituras e apoio fundamental da produção desta pesquisa.

Agradeço ao meu orientador, prof, Dr. Dioneu, expresso minha profunda gratidão pela orientação atenta, pelo profissionalismo, pela paciência e pelas valiosas contribuições ao desenvolvimento deste trabalho. Seus ensinamentos e sua dedicação foram essenciais para o meu desenvolvimento acadêmico. Quando eu crescer, quero ser que nem você!

Por fim, agradeço a mim própria que não desisti e abraçou essa graduação com muita gratidão, apesar de às vezes ter me achado muito burra, por vezes ter me sentido como um peixinho fora d'água, precisar ser mão de vaca para economizar nos estudos, lidar com amigo da onça, engolir sapos... Contudo, sempre ao lado de bons amigos que, apesar de serem apenas uma meia dúzia de gatos pingados, são carismáticos como um cachorro caramelo. Brincadeiras à parte, é graças a experiência de estar perto de tanta gente interessante ao longo da vida que a proposta deste trabalho foi concebida.

A natureza, como se afirma frequentemente, não faz nada em vão, e o ser humano é o único animal que tem o dom da palavra (Aristóteles, 2000, p. 146).

RESUMO

Este estudo aborda um fenômeno da linguagem conhecido como zoomorfização que são, de modo geral, “o mesmo que animalização, isto é, o processo pelo qual se atribuem características de animais a um ser humano” (Silva, 2015, p. 42-43). Nesse viés, buscamos identificar os processos de zoomorfização em materiais didáticos de Português como Língua Adicional (PLA) a partir da análise das metáforas, das metonímias e das expressões idiomáticas (EI), a fim de verificar possíveis lacunas nesses materiais. A partir do momento em que trabalhamos as metonímias e as EIs, percebemos que a zoomorfização não é uma particularidade própria entre seres humanos e animais: os objetos, os discursos e as ações também podem passar pelo mesmo processo. Nesse sentido, reforçamos nosso posicionamento que, as palavras zoomorfizadas não estarão somente dentro dos livros didáticos e seus respectivos exercícios estruturalistas de baixo aproveitamento. Os aprendizes de PLA não estão apenas nas salas de aula. Eles conversam entre si, interagem com outros grupos sociais e se comunicam por meio das redes sociais.

Palavras-chave: Zoomorfização. Metáfora. Metonímia. Expressão Idiomática. PLA.

QUADRO DE LEGENDAS

EI	Expressão idiomática
EIs	Expressões idiomáticas
MD	Material didático
MDs	Materiais didáticos
PB	Português Brasileiro
PLA	Português como Língua Adicional
PLE	Português como Língua Estrangeira
PL2	Português como segunda Língua

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. REFERENCIAL TEÓRICO	10
2.1. Zoomorfização e zoônimos: o que separa os seres humanos dos animais?	10
2.2. Os zoônimos no dia a dia	12
2.3. Metáforas com animais, metáforas conceptuais e contexto	13
2.4. Metáforas orientacionais e sua relação com a zoomorfização	19
2.5 Metonímias com animais	21
2.5.1 As metonímias e os simbolismos	23
2.6 As expressões idiomáticas com animais	24
3. METODOLOGIA	28
3.1 Os livros didáticos e a competência comunicativa	29
3.2 Cultura e Interculturalidade	29
3.3 Português como PLA	32
4. ANÁLISE DOS LIVROS DIDÁTICOS	33
4.1 O Novo Avenida Brasil 2	33
4.2 Brasil intercultural: ciclo básico	37
4.3 A Cara do Brasil	48
4.4 Resultados	52
CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
REFERÊNCIAS	55
APÊNDICE	59

1. INTRODUÇÃO

Vamos imaginar a seguinte situação diante de contextos sociais, baseados em gênero e comportamento: quando um homem é chamado de cavalo, o que você pensa? Bom, apostamos na probabilidade que a sua resposta está aliada à ideia de que se trata de um sujeito grosseiro, rude e ignorante, não é mesmo? Mas, e se o homem for chamado de *ganhão*, qual o conceito que será topicalizado na sua mente? São duas perguntas simples e um tanto intrigantes em razão de as palavras “cavalo” e “ganhão” apresentarem uma relação em comum com o animal, mas acionarem sentidos diferentes de acordo com o contexto de uso. Agora, vamos pensar em outras frases desse tipo: “o fulano é burro”, “a sicrana é gata”, “o beltrano é um sanguessuga”...

As provocações levantadas acima fazem parte de um fenômeno da linguagem conhecido como zoomorfização que são, de modo geral, “o mesmo que animalização, isto é, o processo pelo qual se atribuem características de animais a um ser humano [que] é, pois, tratado e comparado como animal” (Silva, 2015, p. 42-43). Os nomes de animais “tão presentes quanto qualquer tipo de metáfora são chamados de zoônimos” (Fonseca; Cano, 2011, p. 3). Nesse viés, compreendemos que a partir dos zoônimos os seres humanos podem ser zoomorfizados, mas também nos questionamos se haveria a possibilidade de objetos, conceitos ou ações serem igualmente animalizados.

Esse tratamento e essa comparação ocorrem por meio de metáforas e metonímias e se fazem presentes em várias expressões idiomáticas (EI) do português brasileiro (PB). Muitas carregam valores negativos, mas também podem apresentar valores positivos. Assim, a motivação do nosso estudo é a identificação, análise e tipificação de elementos zoomorfizados a fim de aprofundar a sua compreensão nos estudos linguísticos. Também nos motiva analisar como ocorre (ou não) o uso de zoônimos em materiais didáticos (MDs) de ensino de português como língua adicional (PLA), voltados para o público estrangeiro. Especificamente sobre esse ponto, temos em conta que, “quando o aprendiz estuda uma segunda língua em contexto de imersão, ele percebe que a realidade dos livros didáticos mostra um contato longínquo dos usos reais da língua” (Fernandes, 2011, p.12). Até que ponto isso também seria verdade quando se trata da zoomorfização.

Levamos em consideração que, em uma sala de aula de ensino de PLA, podem estar presentes alunos de diversos países, outras línguas e outras bases culturais. E, quando pensamos em frases construídas com termos baseados em animais, as concepções associadas a eles podem ser diferentes. A título de exemplo, “gato”, quando usado para pessoas, tem conotações no Brasil que seus equivalentes *cat* do inglês e *chat* do francês talvez não possuem.

Pretendemos, assim, abordar a zoomorfização em materiais didáticos de PLA, a partir da análise de metáforas, metonímias e expressões idiomáticas, buscando verificar possíveis lacunas nesses materiais. Para tanto, pretendemos atingir os seguintes objetivos específicos: i) identificar os zoônimos em frases relativas a seres humanos em materiais multimodais de ensino de Português Língua Adicional (PLA), tais como: livros didáticos; ii) verificar se esses usos correspondem a metáforas, metonímias e/ou expressões idiomáticas; iii) categorizar esses usos em tipos de acordo com o valor associado (positivo, negativo ou neutro);

Além desta introdução (§ 1), este texto tem as seguintes seções: referencial teórico (§ 2), metodologia (§ 3), resultados (§ 4), referências (§ 5).

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Nosso apoio teórico encontra-se em De Masi (2000), Fonseca e Cano (2011), Silva (2015), Soares (2017) e Nascimento (2022) para contextualizar os zoônimos e os processos de zoomorfização. Adotamos Lessa e Guimarães (1988), Zanotto (1998) e Lakoff e Johnson (2002) para os estudos de Metáforas e Metonímias. Xatara (1998a e 1998b) e Fernandes (2011) são nossas fontes para tratar de expressões idiomáticas (EI). Também nos apoiamos em Lima-Hernandes (2015) e Oliveira (2015) para tratar de contexto. E, por fim, não menos importante, Leffa e Irala (2014) irão nos conduzir para o entendimento do ensino de português como língua adicional (PLA).

2.1. Zoomorfização e zoônimos: o que separa os seres humanos dos animais?

Levamos em consideração o complexo período da história em que a humanidade atravessou milênios, séculos e anos para tornar-se o que é hoje, ou seja, “trata-se da longuíssima fase na qual o [ser humano] criou a si mesmo: aprendeu a andar ereto, a falar, a educar a prole” (De Masi, 2000, p.23). Nesse sentido, “o ser humano parece ser o primeiro (e único) entre todos os seres a arrogar-se a si [próprio] o ato de “saber de si” como ser vivente e existente” (Rego, 2014, p.19), ou seja, “o homem é [...], um animal que se auto interpreta

(Larrosa, 1999, p. 41), que a “experiência de si, historicamente constituída, é aquilo a respeito do qual o sujeito se oferece seu próprio ser quando se observa, [...], se descreve, se julga, se narra, se domina, quando faz determinadas coisas consigo mesmo” (Larrosa, 1999, p. 43).

À vista disso, compreendemos que, além do desenvolvimento físico e da autopercepção, o ser humano “descobre que pode fabricar objetos” (De Masi, 2000, p.24). Surgiram, então, as ferramentas de caça, como as lanças e o arco e flecha, os instrumentos de arado e, por fim, a domesticação do primeiro animal, o cachorro, que “foi o primeiro motor a serviço do homem” (De Masi, 2000, p. 26), isto é, com os trenós, em razão das grandes eras glaciais.

Logo depois, o ser humano aprendeu “distinguir os animais segundo a utilidade que pode obter ao domesticá-los” (De Masi, 2000, p. 27). Além do cachorro, outros animais foram incluídos, tais como o boi, o porco, a cabra e o carneiro, que serviram como instrumentos de trabalho agrícola, como fonte de alimentação e para a produção de lã. Da mesma forma, o cavalo foi domesticado para fins de mobilidade na área civil, nas guerras e na agricultura. Considerando esse panorama histórico, levamos em conta as demais invenções ao longo do tempo para o controle de animais, como o jugo, o cabresto, a rédea, a coleira, entre outros, que estão presentes em muitos contextos metafóricos.

O ser humano, além de ser sujeito racional, é um ser controlador e detentor comunicativo:

O animal, é uma denominação que os homens instituíram, um nome que eles se deram o direito e a autoridade de dar a outro vivente’. Portanto, ao excluir-se do que ele mesmo chama de ‘animal’, o ser humano marca uma distinção ontológico linguística entre o que ele é e o que ele não é. A manutenção dessa distinção é sintomática para a permanência de um suposto *status superior*. (Derrida, 2002, p. 48 *apud* Rego, 2014, p. 75, grifos deste autor).

E é justamente no entendimento de superioridade humana que a zoomorfização surge. Sob essa perspectiva, compreendemos que ela é “o processo em que equiparamos ou somos equiparados a animais não humanos por características pelas quais os próprios animais humanos os designam” (Soares, 2017, p.49). Esse processo é confirmado quando observamos que alguém não se comporta, ou não atende às expectativas, aos padrões impostos socialmente e à própria “sociedade [...] que os exclui e marginaliza, tornando a zoomorfização uma questão social.” (Soares, 2017, p.49).

2.2. Os zoônimos no dia a dia

Em 2007, a telenovela *Paraíso Tropical*¹ tornou-se o carro chefe da programação no horário nobre da Rede Globo de televisão. Nela, os personagens Olavo (que por sinal era o vilão!) e a garota de programa Bebel ganharam o protagonismo na mente dos telespectadores por meio dos mais absurdos discursos e situações vividas por eles. Uma das cenas mais marcantes acontece da seguinte forma: o personagem Olavo diz a Bebel: “Você é a cachorra mais burra, aqui, desse calçadão. Porque só você não viu, ainda, que eu amo você também, sua cachorra, sua piranha, sua bandida!”². Mesmo declarando que amava Bebel, ela foi chamada de “cachorra”, “burra” e “piranha”.

Não muito diferente da ficção televisiva, outras manifestações amplificam a animalização nas linguagens. No samba “A loba”, de Alcione, ouvimos que “Debaixo da pele de gata” ela esconde “uma loba”. No repertório de Caetano Veloso, encontramos “Leãozinho”. Nos jornais, as notícias apontam que um determinado atleta foi xingado de macaco durante uma partida de futebol ou que um senador xinga uma mulher de piranha em uma rede social. Nesse sentido, podemos observar que esses fenômenos da linguagem do dia a dia se replicam não somente na televisão, mas também nas músicas, em uma briga de trânsito, confusão entre vizinhos, na final de uma partida de futebol, nas redes sociais, e assim por diante.

Não é difícil ouvirmos frases pejorativas como essas: “fulana é uma lesma”, “sicrano é burro” ou “beltrano é um cachorro”. E na mesma proporção, percebemos a manifestação das expressões idiomáticas (EI) com termos de animais, tais como: “mão de vaca”, “lobo em pele de cordeiro”, “amigo da onça”, entre outros. Ou seja, para insultar, usamos “animais que em si causam repulsa ao ser humano, ou então, possuem características que são consideradas ignóbeis à humanidade, ou ainda comportam-se de maneira contrária ao modo que se espera do agir humano” (Rego, 2014, p.74). Dessa forma, percebemos que animalizar pessoas pode ser um tipo de estratégia de linguagem com um objetivo específico: desumanizar o outro na tentativa de negar-lhe sua humanidade.

No entanto, isso não é uma total verdade. Quando ouvimos, ou proferimos, que uma moça “é uma gata”, que um rapaz “é forte como um touro” ou que certa pessoa “possui olhos

¹ Obra de Gilberto Braga e Ricardo Linhares, reprisada entre 2023 e 2024.

² Transcrição da cena disponível em: <https://youtu.be/5KFeGzjtF9c?si=1FKlMBq6c8WrFyB-&t=147>. Acesso em 19 jan. 2024.

de águia”, não estamos tirando a humanidade deles. Pelo contrário, estamos atribuindo outras metáforas, ou metonímias, com sentido positivo, para elogiar o(a) outro(a) por sua aparência física, por sua personalidade ou por suas habilidades. E cabem outras estratégias comunicativas com zoônimos positivos para expressar afeto, como a relação “filhote” para tratar do filho, ou adoção de uma comunicação mais informal e criativa com crianças: “minhas abelhinhas, meus passarinhos”.

Outra forma de percebermos que os zoomorfos não são totalmente pejorativos foi a busca por evidências culturais e simbólicas. Na cultura cristã, Jesus é conhecido como o “Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo” (João 1:29) ou o “Leão da Tribo de Judá” (Apocalipse 5:5.). Em nenhum momento, Cristo é destituído de sua onipotência. Da mesma maneira, na cultura hinduísta, o Senhor Ganesha não é menos divino por ser conhecido como o deus com a cabeça de elefante. O deus hindu “é o filho [desconhecido] de Shiva [...] e sua consorte Parvati. A lenda afirma que, num acesso de raiva, o Senhor Shiva cortou a cabeça de Ganesha; arrependido de suas ações, ele posteriormente transplantou a cabeça de um elefante³” (Singh; Ratate, 2021, p.2), em uma ligação simbólica, “unida ao corpo de Ganesha, ressuscitando-o para a existência” (Santos, 2023, p.147). Ou seja, a cabeça de um elefante não o torna um animal por completo.

Na literatura sobre o tema, identificamos que as zoomorfizações são abordadas como processos majoritariamente pejorativas, negativas ou, mais precisamente, desumanizadoras. Contudo, defendemos que existe a importância de analisar o contexto em que os termos animalizados estão inseridos: para quem se fala, de quem se fala e por que se fala. À vista disso, analisamos como os zoônimos se manifestam diante das metáforas, das metonímias e das expressões idiomáticas.

2.3. Metáforas com animais, metáforas conceptuais e contexto

Na perspectiva tradicional, a metáfora é “considerada [uma] simples figura de linguagem, sem valor cognitivo algum e, como tal, deve ser apenas reconhecida e classificada, mas não interpretada” (Zanotto, 1998, p.14), tratada como um mero ornamento da linguagem. Essa concepção tradicional surgiu com a teoria aristotélica, que vigorou, e ainda vigora, por muitos séculos como um postulado inquestionável. À vista disso, a metáfora

³“Ganesha is the putative son of Shiva (one of the Trinity of Hindu gods) and his consort Parvati. The legend states that in a fit of anger Lord Shiva severed Ganesh’s head; repenting his actions, he thereafter transplanted an elephant’s head on Ganesh” (Singh; Ratate, 2021, p.2).

é, “para a maioria das pessoas, um recurso da imaginação poética e um ornamento retórico; é mais uma questão de linguagem extraordinária do que de linguagem ordinária” (Lakoff; Johnson, 2002, p. 45). Nesse entendimento, essa concepção “também [...] é divulgada nas gramáticas e livros didáticos” (Zanotto, 1998, p.15).

Em gramáticas normativas populares no Brasil, é possível encontrar uma seção dedicada às figuras de linguagem, com breves conceitos e exemplos que abrangem a metáfora, a metonímia, a elipse, a sinestesia, entre muitas outras formas de expressão. Por outro lado, em nossas leituras para fins desta pesquisa, identificamos uma certa insatisfação por parte de pesquisadores da linguística no que tange o estudo das figuras de linguagem: “Muitas vezes, as gramáticas e os livros didáticos nem mesmo abordam esse assunto. Quando o fazem, as gramáticas normativas tendem a tratar as figuras de linguagem como ocorrências marginais à língua” (Lessa; Guimarães, 1988, n.p.). Talvez, o tradicionalismo aristotélico ainda exerça grande influência nas produções de materiais multimodais.

Para Lessa e Guimarães (1988), as figuras de linguagem são recursos que possibilitam a expressão de ideias e sentimentos que a linguagem utilizada no dia a dia não consegue transmitir de forma satisfatória. Elas são “uma forma de o homem assimilar e expressar experiências diferentes, desconhecidas, novas. Por isso, [...] revelam muito da sensibilidade de quem as produz, da forma como cada indivíduo encara as suas experiências no mundo”. (Lessa; Guimarães, 1988, p.2). Diante das informações apresentadas, fomos levados a questionar se a metáfora limita-se a uma “simples figura de linguagem” alheia ao cotidiano, ou se sua verdadeira natureza reside em uma dimensão mais complexa que demanda uma nova abordagem para sua compreensão.

Nos anos 1980, surgiu um novo paradigma que elevou a metáfora ao *status* de “operação cognitiva fundamental, constitutiva da linguagem e do pensamento” (Zanotto, 1998, p.14). No caso, estamos nos referindo à pesquisa de Lakoff e Johnson (2002), que deu origem à Teoria da Metáfora Conceptual (TMC), “que tem como premissa básica a ideia de que a metáfora não é mero recurso estilístico, mas uma maneira de ‘conceptualizar’ a própria experiência humana” (Nascimento, 2022, p.4). Nesse entendimento, compreendemos que as metáforas não são simples palavras soltas ou figura de linguagem específica da literatura, mas sim ferramentas do nosso pensamento. Ou seja, nossos processos cognitivos são, em grande parte, metafóricos.

Para Lakoff e Johnson (2002, p. 48), a maneira como o ser humano organiza o seu sistema conceitual necessariamente envolve metáfora. Especificamente, os conceitos “governam também a nossa atividade cotidiana até nos detalhes mais triviais [...] [e] estruturam o que percebemos, a maneira como nos comportamos no mundo e o modo como nos relacionamos com outras pessoas” (Lakoff; Johnson, 2002, p. 45-46). Nessa perspectiva, concordamos com Nascimento (2022, p. 4) quando afirma que os fundamentos da Teoria da Metáfora Conceptual (TMC) “remetem à concepção de que pensamentos e ações podem ser regidos por metáforas e que estas influem sobre a forma que cada um compreende o mundo, a sua cultura e a si mesmo”.

No português do Brasil, assim como em outras línguas, “muitos zoônimos são utilizados como metáforas. Eles assumem, dentro do contexto em que se encontram, sentidos [...] que relacionam certos comportamentos ou características [de animais] a pessoas ou coisas” (Nascimento, 2022, p.4). Como explicado acima, esse processo se denomina zoomorfização. Muitos desses processos estão enraizados em contextos e identidades culturais. Fonseca e Cano (2011, p. 4) defendem que a compreensão de metáforas zoomórficas demanda um saber linguístico e não apenas referencial, com forte destaque para o saber cultural. A seguir, trazemos uma reflexão de Dell’Isola (1998) sobre o tema, com alguns exemplos:

A língua é produtiva no que se refere à possibilidade de criação de termos e expressões que veiculam sentido metafórico. Expressões como "ficar uma seda" (em oposição a "ficar uma arara"), "ter sangue de barata", "cantar de galo", "ser amigo da onça", "dar zebra", [...], "pagar o maior mico", dentre tantas outras, incorporaram-se no léxico da língua portuguesa do Brasil cristalizando sua forma e seu significado enquanto identidades culturais brasileiras. O que há de interessante nessas expressões é a criação linguística inusitada que elucida uma relação conceitual, nem sempre percebida como metafórica (Dell’Isola, 1998, p. 40).

Mais que uma questão de incorporar-se ao léxico, expressões metafóricas com animais fazem parte da língua portuguesa como um todo, participando de construções complexas, frases, períodos. Constituem parte integrante de diálogos corriqueiros sobre comportamentos e atributos interpessoais.

De acordo com a TMC, entendemos que a interpretação de metáforas é relativa, variando de acordo com o contexto cultural e social em que são utilizadas. Além disso, o significado de uma metáfora depende do contexto específico em que ela aparece, seja ele

oral, seja sinalizado⁴, seja escrito. “Isso explica porque as interpretações das metáforas recebem diversas influências ligadas à cultura e podem variar, caso esta cultura não seja compartilhada” (Nascimento, 2022, p.4). Desse modo, nos questionamos como os(as) estudantes de PLA percebem a zoomorfização nas relações interpessoais e, de modo especial, nos MDs de língua portuguesa.

A título de exemplo, o “gato” é um ser “mamífero, carnívoro e quadrúpede em toda parte do mundo, as concepções associadas a ele podem mudar da França para o Japão, da Itália para a Espanha, dos Estados Unidos para o Brasil etc.” (Fonseca; Cano, 2011, p. 4). Ou seja, o zoônimo gato, quando usado para pessoas, apresenta conotações no Brasil que seus equivalentes *cat* do inglês e *chat* do francês talvez não possuam. Isso tem uma relação direta com os diferentes contextos culturais, pois notamos “a relação homem-animal, podendo simbolizar uma relação pacífica ou hostil. O [ser humano] sempre atribuiu aos animais um grande simbolismo moral, instintivo, emotivo, sensorial, erótico, [...] dentre outros” (Carmo, 2016, pp. 212-213). A seguir, para ilustrar isso, apresentamos alguns exemplos de zoônimos e seus possíveis significados metafóricos no português do Brasil:

Quadro 01 - Exemplos de zoomorfização

Zoônimo	contexto A	significado	contexto B	significado
gato(a) / gatinho(a)	<i>Maria é muito gata</i>	ser muito bonito(a)	<i>João pensa que é gatinho</i>	achar-se jovem e bonito(a)
onça	<i>Ele é amigo da onça</i>	pessoa falsa	<i>Ela virou uma onça depois de ouvir aquilo</i>	ficar bravo(a)
cavalo/garanhão	<i>João me deu uma má resposta. Nossa, que cavalo!</i>	pessoa grosseira	<i>Ele é um garanhão</i>	ser viril e sedutor
burro(a)	<i>João tirou zero na prova. Que burro!</i>	pessoa sem inteligência	<i>Meu chefe acha que sou burro de carga</i>	trabalhar de forma pesada

⁴ Em relação às línguas de sinais.

(fonte: Elaboração própria, 2025)

Os exemplos que apresentamos acima foram selecionados propositalmente para ilustrar o simbolismo e a importância do contexto diante dos zoônimos metaforizados. Em linhas gerais, “existe uma intensa e indubitável relação entre palavra e contexto” (Nascimento, 2022, p.4). Sobre contexto, fazemos a seguir uma breve reflexão.

À primeira vista, o contexto pode ser entendido “como entidade vaga, genérica, de contornos pouco ou nada definidos e, por isso mesmo, sua abordagem [...] torna-se tarefa de difícil e complexa execução” (Oliveira, 2015, p. 22). Para Teun A. Van Dijk (2007, p. 282), “o conceito de 'contexto' apresenta um papel controverso no estudo do discurso, da conversação e da interação em geral⁵”. O autor também define que os contextos são realidades subjetivas, ou seja, são construções mentais dos indivíduos. Eles são moldados pelas experiências, conhecimentos prévios e crenças de cada pessoa, ao mesmo tempo em que são influenciados pelo contexto social mais amplo. Contudo, devemos pontuar que “não são os fatores e situações sociais, que têm sido considerados ou nomeados ‘contexto’, que influenciam a fala ou o texto como um todo” (Ballesteros, 2017, n.p.). O fator determinante é justamente a interpretação dos participantes, sobre uma determinada situação: quem fala, como se fala, para quem se fala etc. Nesse seguimento, Ballesteros reforça o entendimento de Van Dijk:

[O autor] atribui à interpretação dos participantes sobre uma determinada situação social o fator primordial de influência na produção ou compreensão de um texto. Sendo a interpretação um processo subjetivo, o autor defende uma teoria baseada em modelos mentais de contexto (Ballesteros, 2017, n.p.)

Para Lima-Hernandes (2015, p. 17), “estudar o contexto é refletir sobre a incorporação de elementos ao dado sob análise. É um exercício de sair de si sem abandonar o que se conhece, buscando pistas para imaginar o que o outro possa saber”. Nesse entendimento, a autora argumenta que a compreensão do conceito de contexto, na linguística, requer dois pressupostos: a primeira, a mudança linguística, embora seja estimulada por fatores externos ao sistema, exerce um impacto significativo sobre ele. O segundo, que a cognição é a base da criação da linguagem. Para Oliveira (2015), a centralidade do contexto nos estudos funcionalistas reside na compreensão de que os usos da linguagem são

⁵ the concept of ‘context’ plays a controversial role in the study of discourse, conversation and interaction in general (Van Dijk, 2007, p. 282).

determinados por três competências interligadas: estruturas, cognição e fatores sócio-históricos.

No que tange às estruturas, concordamos com Oliveira (2015) que o estudo do contexto deve considerar a relação essencial entre duas dimensões: a forma e o sentido. Sendo a forma toda a relação que envolve a conjuntura fonética, morfológica e a sintática; e o sentido, diretamente ligado à semântica e à pragmática-discursiva, pois ambas as dimensões influenciam e são influenciadas pelo uso da linguagem. Quando falamos de cognição, estamos tratando da nossa capacidade de entender o mundo, de organizar e guardar as informações na nossa cabeça, “bem como de adaptar esse conhecimento a fim de transmiti-lo aos nossos interlocutores nos diferentes contextos de comunicação” (Cunha, 2008, p. 176 *apud*. Fernandes, 2013, p. 37). Por fim, os fatores sócio-históricos estão diretamente relacionados às normas sociais, às tradições culturais, e como as transformações ao longo da história moldam o uso da linguagem.

Em relação à zoomorfização, o contexto não se restringe somente à relação entre cognição e linguagem. Há fatores morfológicos, sintáticos, semânticos e, especialmente, pragmático-discursivos envolvidos na elaboração desse tipo de expressão. E não se pode perder de vista a influência do contexto histórico-cultural presente também, assim como o tipo de veículo em que a expressão aparece. Nesse entendimento, também concordamos que a relação entre contexto e a interpretação estão diretamente ligados à interação. O ambiente de aprendizado de PLA, seja em sala de aula, em conversas entre pessoas ou nas mídias sociais, estimula os aprendizes a desenvolverem habilidades discursivas próximas às do cotidiano.

Como exemplo, apresentamos a seguir, um recorte do quadro 1 apresentado anteriormente. O zoônimo de fundamento é “gato(a)”, substantivo que flexiona em gênero e número: “gato, gata, gatos e gatas”. Também podemos encontrar sua forma no aumentativo e no diminutivo: “gatão(ões), gatinho(s), gatona(s) e gatinha(s)”, bem como no superlativo absoluto sintético: gatíssimo(s), gatíssima(s). Em termos semânticos, chamar alguém de gato ou de gata é, em primeira instância, um elogio. Entretanto, quando retomamos Van Dijk (2007) e Oliveira (2015), devemos considerar o contexto, a interpretação e as situações de interação. Se analisarmos a estrutura, considerando as situações de uso da língua, podemos interseccionar a forma (prosódia) e o sentido (pragmática-discursiva). Nesse sentido, ser gata e gatinho vai ser bom ou ruim para alguém. É aí que nos deparamos com aquela frase: “depende do contexto”.

Recorte do Quadro 1

Zoônimo	contexto A	significado	contexto B	significado
gato(a) / gatinho(a)	<i>Maria é muito gata</i>	ser muito bonito(a)	<i>João pensa que é gatinho</i>	achar-se jovem e bonito(a)

Supomos que alguém disse que Maria é gata. Nesse entendimento, criamos uma imagem mental de uma mulher que é bonita dentro dos ideais subjetivos de cada pessoa sobre o que é ser bela. Quando alguém diz que Maria é muito gata, a ideia da beleza é superada com mais expectativa. Afinal, ela não é apenas bonita; Maria é MUITO bonita. Mas, quando a palavra “gata” ganha mais formas, seja no diminutivo ou no aumentativo, o entendimento da mensagem poderá validar outros entendimentos da forma e do sentido.

Se “Maria é gatona”, muito provavelmente mantém o mesmo sentido de “muito gata”. Agora, se “Maria é gatinha”, a expectativa sobre ela poderá projetar ideias de uma beleza infantil, jovial e por vezes mais delicada. E se Maria “tá achando que é gatinha”, a imagem da beleza é rompida pelo sarcasmo e, por vezes, marcada pelo etarismo⁶. Exemplo disso é a frase que apresentamos no quadro acima: “João pensa que é gatinho”. Caso o locutor proferir tal coisa, com o tom de voz debochado (forma = fonética/prosódia), a probabilidade do interlocutor interpretar como algo negativo (sentido = pragmática-discursiva) é grande. O entendimento é que somente João pensa que é jovem e atraente; os outros, não.

2.4. Metáforas orientacionais e sua relação com a zoomorfização

Um outro tipo de metáfora abordado por Lakoff e Johnson (2002) são as metáforas orientacionais, as quais também convergem para o tema desta pesquisa. Elas são “o tipo de conceito metafórico que não estrutura um conceito em termos de outro, mas que, ao contrário, organiza todo um sistema de conceitos em relação a um outro” (Lakoff; Johnson, 2002, p.59). São chamadas de metáforas orientacionais, pois estabelecem uma relação com a

⁶ Discriminação contra pessoas baseado na idade. Afeta os idosos na maioria das vezes.

orientação espacial: “para cima - para baixo, dentro - fora, frente - trás, em cima de - fora de (*on-off*), fundo - raso, central - periférico” (Lakoff; Johnson, 2002, p.59).

Os autores também explicam que as metáforas não são escolhidas aleatoriamente, pois se baseiam em vivências físicas e em valores culturais. “Embora as oposições binárias para cima - para baixo, dentro, fora etc. sejam físicas com sua natureza, as metáforas orientacionais baseadas nelas podem variar de uma cultura para outra” (Lakoff; Johnson, 2002, p.60). Nessa perspectiva, os autores destacam:

Em nossa cultura, as pessoas se veem como tendo o **controle sobre os animais**, as plantas e seu ambiente físico, e é a capacidade especificamente humana de atividade racional que **coloca os seres humanos acima dos outros animais** e lhes propicia esse controle. CONTROLE É PARA CIMA fornece uma base para SER HUMANO É PARA CIMA e, por tanto, RACIONAL É PARA CIMA (Lakoff; Johnson, 2002, p.64-65, grifos nossos).

Nesse sentido, defendemos a possibilidade de que metáforas derivadas de zoônimos tenham sido construídas com base nessa noção de controle sobre pessoas ou situações, acabando por animalizá-las para tanto. Abaixo (Quadro 2), apresentamos exemplos de possíveis metáforas zoomorfixadas de controle, em que o ser humano se projeta acima de outro ser humano, ao tratá-lo como um animal:

Quadro 2: exemplos de possíveis metáforas zoomorfixadas de controle

metáfora zoomorfixada	contexto	significado
Cabresto	<i>andar no cabresto</i>	ser controlado por outra pessoa
rédea	<i>ter a rédea curta</i>	viver sem liberdade; sob restrições ou sob o controle de outra pessoa.
rédeas	<i>tomar as rédeas da vida</i>	assumir o controle da própria vida
coleira	<i>botar a coleira em alguém</i>	controlar o(a) parceiro(a)
jugo	<i>Sob o jugo da ditadura</i>	estar sujeito(a) a um regime político opressor.

(fonte: elaboração própria, 2025)

Embora sejam metáforas(?) que não usam diretamente o nome de um animal, essas metáforas são construídas a partir de um objeto relativo a um dado animal, ou seja, instrumento inventado por seres humanos para controlar ou domar animais. Os termos “cabresto” e “rédea(s)” estão relacionados a cavalos. Já “coleira” se relaciona a cachorros. E “jugo” se relaciona a bois. Estaria aí envolvido um processo metonímico?

2.5 Metonímias com animais

Além da metáfora, apresentamos outro recurso expressivo amplamente utilizado na linguagem do dia a dia: a metonímia. Em Lessa e Guimarães (1988, p.20), encontramos a definição de metonímia como uma figura de palavra que “consiste na substituição de um termo por outro, em que a relação entre os elementos que esses termos designam não depende exclusivamente do indivíduo, mas da ligação objetiva que esses elementos mantêm na realidade”. Lakoff e Johnson (2002, p.92-93) explicam que a Metáfora e metonímia são processos distintos e não se confundem:

A metáfora é principalmente um modo de conceber uma coisa em termos de outra, e sua função primordial é a compreensão. A metonímia, por outro lado, tem principalmente uma função referencial, isto é, permite-nos usar uma entidade para representar outra. Mas metonímia não é meramente um recurso referencial. Ela também tem a função de propiciar o entendimento (Lakoff; Johnson, 2002, p.92-93).

Os autores reforçam que as metonímias, assim como as metáforas, não são somente recursos poéticos ou retóricos, tampouco uma questão de linguagem. Mais precisamente, não são eventos isolados, mas seguem padrões e sistemas próprios dentro da nossa linguagem: “enquanto a metáfora tem a função de compreensão – um modo de conceber uma coisa em termos de outra –, a metonímia tem uma função referencial, pois nos permite usar uma entidade para representar outra” (Ferraz, 2013, p. 93).

Nesse sentido, destacamos que existem processos metonímicos (quadro 3), pois eles fazem parte do nosso dia a dia, diante do nosso comportamento, da nossa atitude, dos nossos pensamentos e, especialmente, da forma como falamos. Os exemplos apresentados abaixo apresentam indícios de que a zoomorfização não é exclusiva para o tratamento de seres humanos. Identificamos que empresas e artistas tomam por empréstimo o nome de animais e suas respectivas simbologias. Nesse sentido, adotam a imagem de animais para a construção

da logomarca e se consolidaram na linguagem do dia a dia. A seguir, apresentamos alguns exemplos desses processos com zoônimos metonímicos:

Quadro 3: exemplos de alguns processos metonímicos

Processo	Contexto A	Significado	Contexto B	Significado
Parte pelo todo	<i>Ela é mão de vaca.</i>	parte da vaca representa a totalidade do ser humano	<i>Ele é corno</i>	parte do animal (o chifre) representa a totalidade do homem traído
autor pela obra	<i>Amo ouvir Scorpions</i>	amo as músicas da banda alemã de rock	<i>O DJ tocou Os Feras do Baile</i>	O DJ tocou a música da banda de forró brasileira.
Instituição pelos responsáveis	<i>A Tigre aumentou o valor dos canos de PVC</i>	A empresa do setor de construção civil	<i>A Puma lançou uma nova chuteira</i>	A empresa de equipamentos esportivos
marca pelo produto	<i>Ela dirige um Jaguar</i>	Ela dirige um carro de luxo	<i>O jogador veste Puma</i>	O jogador veste uma roupa da grife esportiva.

(Fonte: elaboração própria baseado em Ferraz, 2013, p. 93)

É possível encontrarmos nomes de bandas de rock como: *Scorpions* (Escorpiões), *The Animals* (Os Animais), *Eagles* (Águias), entre outros. No cenário musical brasileiro, podemos encontrar: MC Sapão, MC Gorila, Os Feras do Baile, Falcão ou Bonde do Tigrão. Outro fator que atraiu nossa curiosidade são as grandes empresas que adotam nomes de animais, como a multinacional brasileira do setor de construções Tigre, a empresa de equipamentos esportivos Puma ou a montadora de veículos Jaguar. Esta última chamou nossa atenção, pois, na indústria automobilística, as marcas também dão nome de animais aos carros.

A Ford, famosa por batizar seus veículos com nomes de cavalos, possui em seu portfólio o Corcel, o Pampa e o *Mustang*⁷. A italiana Fiat lançou a *Toro* (touro), a

⁷ Há controvérsias sobre a origem do nome. Segundo a Ford, não há documentação precisa sobre o nome do veículo, que também leva o nome da raça de um cavalo selvagem: “Seja qual for a razão para selecionar o Mustang, o nome ainda faz sentido 50 anos depois. O carro, o avião e o cavalo compartilham características semelhantes em comparação com outros de seu tipo: compacto, rápido, ágil e elegante”. “Por fim, o nome se harmonizou com um logotipo de cavalo galopando, que o designer Phil Clark já vinha desenvolvendo há alguns

Volkswagen criou o *Fox* (raposa), a *Amarok* (lobo, na língua inuíte) e o mais recente, *Tiguan* (junção dos nomes tigre e iguana). As Forças Armadas do Brasil também adotam nomes de animais aos blindados e aeronaves. O Exército Brasileiro possui alguns veículos terrestres conhecidos como o Cascavel e o Urutu⁸. Na Força Aérea (FAB), o Tucano é o avião T-27⁹. Da mesma maneira, alguns esquadrões de aviação levam nomes de animais da fauna brasileira.

2.5.1 As metonímias e os simbolismos

Assim como as metáforas, as metonímias não são meras ocorrências aleatórias, mas sim elementos integrantes do sistema da linguagem. “Os conceitos metonímicos são também sistemáticos, como podemos observar em exemplos representativos existentes em nossa cultura” (Lakoff; Johnson, 2002, p.94). Nessa perspectiva, os autores explicam que “o simbolismo cultural e o religioso são casos especiais de metonímia” (Lakoff; Johnson, 2002, p.97). Nesse entendimento, os autores apresentam a metonímia POMBA PELO ESPÍRITO SANTO, pois, segundo eles:

Esse simbolismo - que é típico das metonímias - não é arbitrário: ele está fundamentado na concepção de pomba na cultura ocidental e na concepção do Espírito Santo na teologia cristã. Existe uma razão pela qual a pomba é o símbolo do Espírito Santo, e não a galinha, o abutre ou o avestruz. A pomba é concebida como sendo bela, amável, gentil e, sobretudo, pacífica. Por ser uma ave, seu habitat é o céu que, metonimicamente, representa a eternidade, o habitat do ESPÍRITO SANTO. A pomba é um pássaro que voa graciosamente, desliza silenciosamente e é usualmente vista saindo do céu e pousando sobre as pessoas (Lakoff; Johnson, 2002, p.97-98).

Diante da explicação dos autores acima, nos questionamos se também haveria a relação simbólica com possíveis metonímias: LEÃO PELO CRISTO ou CORDEIRO PELO CRISTO. O leão é símbolo de força, poder e realeza. Por ser um animal felino, seu habitat é a terra que, por metonímia, representa a concretização do Deus que se fez homem na terra. No livro do Apocalipse (5:5, grifos nossos), podemos observar essa relação simbólica: “Não chore! Eis que o **Leão da tribo de Judá**, a Raiz de Davi, venceu para abrir o livro e os seus sete selos”.

anos”.Disponível:

<https://media.ford.com/content/fordmedia/fna/us/en/features/its-a-plane--its-a-horse--no--its-the-ford-mustang-and-one-of-t.html>. Acesso em: 15 fev. 2025.

⁸ Tipos de serpentes.

⁹ Disponível em: <https://www2.fab.mil.br/afa/index.php/aeronaves/347-t-27-emb-312-tucano-fab-1374>. Acesso em 20 fev. 2025.

O cordeiro também aparece como o símbolo de Jesus Cristo. Assim como o leão e o exemplo dado por Lakoff e Johnson (2002) em relação à pomba, o cordeiro também está fundamentado na concepção da cultura cristã. Como símbolo de pureza, mansidão e sacrifício. Também é um animal terrestre, que representa a concretização do Deus que se fez homem na terra e é “manso e humilde de coração”¹⁰. No livro de João (1:29, grifos nossos), João Batista apresenta seu primo Jesus à multidão e diz “ Vejam! É o **Cordeiro de Deus**, que tira o pecado do mundo!”. Em Apocalipse (5:12, grifos nossos) também identificamos: “Digno é o **Cordeiro** que foi morto de receber poder, riqueza, sabedoria, força, honra, glória e louvor!”. Em usos do dia a dia, é possível ouvirmos a locução interjetiva “sangue do Cordeiro!”, em contextos mais dramáticos.

Sob esse prisma, compreendemos que:

Os sistemas conceptuais de culturas e religiões são metafóricos por natureza. As metonímias simbólicas são elos cruciais entre a experiência do cotidiano e os sistemas metafóricos coerentes que caracterizam as religiões e as culturas. As metonímias simbólicas, que são fundamentadas em nossas experiências físicas, fornecem um recurso essencial para compreender os conceitos religiosos e culturais (Lakoff; Johnson, 2002, p.98).

Diante desses levantamentos acima, defendemos que é preciso observar qual é o contexto diante de uma perspectiva cultural para compreender tais simbologias. A serpente nas culturas ocidentais simboliza a traição, o engano e o pecado, pois está diretamente relacionada ao elemento simbolizado: o diabo, conforme apresentado no livro de Gênesis e do Apocalipse. E, mais uma vez, dada a diferentes culturas, a serpente pode ser um símbolo divino, como a serpente branca taoísta ou as serpentes *ananta* e as divindades *nagas*, que estão presentes na cultura hindu e budista.

Acreditamos que um estudo mais aprofundado sobre as metonímias e os simbolismos em outras culturas, poderá revelar mais dados interessantes. Aqui, cabe a nossa curiosidade acerca da simbologia metonímica do dragão, da serpente, do porco e do macaco em culturas asiáticas e africanas em contraste com as culturas ocidentais, que os simbolizam de forma negativa.

2.6 As expressões idiomáticas com animais

As expressões idiomáticas (EIs) são um reflexo dos fatos sócio-culturais na língua de um determinado grupo. Assim como o léxico, as EIs possuem um poder de evocação

¹⁰ Ver Mateus, 11:29.

interessante, um peso semântico extraordinário. Elas sugerem muito além de seu significado literal, e podem provocar, dependendo da situação, uma gama diversificada de ideias, sentimentos e emoções diante de fatores histórico, econômico, cultural e a nas variações da língua. Algumas estão tão presentes em contextos de interação que, por vezes, não prestamos atenção quanto ao seu significado que vai muito além das palavras que as formam, especialmente quando os zoônimos estão presentes nas EIs.

Xatara (1998a, p. 149; 1998b, p.170) explica que uma expressão idiomática “é uma lexia complexa indecomponível, conotativa e cristalizada em um idioma pela tradição cultural”. Para a compreensão desse conceito, Fernandes (2013) nos explica que:

O fenômeno é **indecomponível** porque é uma combinatória fechada de distribuição restrita. As expressões idiomáticas têm **caráter conotativo** porque “sua interpretação semântica corresponde a pelo menos um primeiro nível de abstração calculada a partir da soma de seus elementos sem considerar os significados individuais destes” [...]. E, por fim, são **cristalizadas** porque suas significações são estáveis devido ao uso (Fernandes, 2013, p. 25, grifos da autora).

Xatara (1998b) também explica que as expressões idiomáticas não são elementos irregulares no vocabulário da língua, mas que são “combinações convencionais de relações sintático-semânticas e pragmáticas regulares dentro de uma irregularidade” (Corbin, 1983; Tagnin, 1988 *apud*. Xatara, 1998b, p. 170). Nesse entendimento, compreendemos que as expressões idiomáticas usam a linguagem figurada, ou seja, o significado das palavras não infere um significado literal (denotativo), mas sim simbólico ou figurado (conotativo).

Como exemplo, apresentamos a EI “*jogar pérolas aos porcos*”. A expressão remete a ideia de que é inútil oferecer algo de valor (apoio, conselho, doação, dinheiro etc) a alguém que não tem a capacidade de apreciar o gesto. Se analisarmos palavra por palavra, não encontraremos nenhuma relação da expressão com o animal porco, e nem com as pérolas. É preciso conhecer o contexto por trás da expressão para entender seu significado.

Xatara (1998a, p. 151) também nos alerta que provérbios e ditados não são expressões idiomáticas, uma vez que a EI “poderia ser confundida com qualquer unidade léxica composta, em razão do critério de cristalização comum a ambas, mas não o é por seu caráter eminentemente conotativo”. Por ora, não pretendemos, no momento, aprofundar a discussão teórica acerca das nomenclaturas, pois, como lembra Xatara (1998b), estamos diante de “definições muito pouco consensuais, propostas por lingüistas seguidores de

diferentes teorias sobre o léxico” (p.169). Nesta pesquisa, ainda trataremos os dados apresentados nos livros didáticos analisados como EIs, ainda que possam ser provérbios ou ditados populares.

A partir de uma análise tipológica correspondente às estruturas morfossintáticas das expressões idiomáticas, percebemos que as EI revelam suas complexidades lexicais, permitindo classificá-las em diferentes tipos. A seguir (quadro 4), apresentamos algumas EIs que podem ser identificadas com as seguintes estruturas:

Quadro 4 - exemplo de Expressões Idiomáticas

Sintagmas nominais	<i>mão de vaca / burro de carga / ninho de cobras.</i>
Sintagma de função adjetiva	<i>mãe coruja / mosca morta / bode expiatório</i>
Sintagmas verbais	<i>dar nome aos bois / virar uma onça / comprar gato por lebre.</i>
Sintagmas adverbiais	<i>deitar com as galinhas¹¹ / tempo do onça / baixa da égua</i>
Sintagmas frasais, geralmente exclamativos	<i>vá pentear macaco! / Seu burro! / Na mosca!</i>

(fonte: elaboração própria baseada em Xatara, 1998b, p.171; e Fonseca; Cano, 2011)

As EIs também possuem uma escala de abstração que podem ser classificadas como fortemente conotativas, “quando todos os elementos da EI contam com ausência de significado e é difícil recuperar a motivação semântica da expressão e fracamente conotativas, quando elementos da EI com denotação se associam a componentes com conotação” (Fernandes, 2013, p 30). Abaixo (Quadro 5), apresentamos um pequeno quadro explicativo relacionado a esses valores conotativos:

Quadro 5 - escala de abstração das EIs

Escala	EI	significado
Fortemente conotativas	<i>Andar no cabresto</i>	Ser controlado

¹¹ Concordamos que a expressão possui a função de adjunto adverbial de tempo.

Fracamente conotativas	<i>Pensar na morte da bezerra</i>	Possível distração; melancolia
-------------------------------	-----------------------------------	-----------------------------------

(Fonte: elaboração própria baseado em Fernandes, 2013)

Em relação à semântica, Xatara (1998b) explica que as expressões idiomáticas com relações de sentido específicos e uso comum são consideradas casos especiais, devido à sua importância na língua. Abaixo (Quadro 6), apresentamos alguns exemplos, baseados em Xatara (1998b) e Fonseca e Cano (2011), desses casos especiais de EI em contextos de zoomorfização:

Quadro 6 - Casos especiais de EI

CASO ESPECIAL DE EI	SITUAÇÃO	EI
Alusiva	Quando há necessidade da incursão de conhecimentos enciclopédicos, históricos, ou mesmo bíblicos, que esclareçam os fatos ou aos personagens referenciados.	<i>Jogar pérolas aos porcos/ Lobo na pele de cordeiro.</i>
análoga	Apresentam formas similares	<i>Comprar gato por lebre/ Trocar gato por lebre/ Dar gato por lebre.</i>
Depreciativa	Apresentam tom pejorativo	<i>Olho de peixe morto/ Mosca morta.</i>
Comparativa	Centradas na figura da comparação	<i>Como cães e gatos/ Cair que nem um pato/ Trabalhar como um burro.</i>
Hiperbólica	Apresentam exagero	<i>Matar cachorro a grito.</i>
Irônica	Quando há procedimento de expressão pelo contrário	<i>Chamar urubu de meu louro/ Comer como pinto e cagar como pato</i>
Negativa	Usadas na forma negativa	<i>Não ser osso para andar em boca de cachorro/ Água que passarinho não bebe</i>

(Fonte: elaboração própria, baseada em Xatara, 1998b, p. 173-174 e Fonseca e Cano, 2011)

Destacamos que o campo das EIs abrange mais estudos pertinentes aos estudos da forma e do sentido. Neste trabalho, tentamos delinear o tópico dentro do objetivo central desta pesquisa: elementos zoomórficos no português do Brasil em contexto de ensino de PLA. Nesse entendimento, concordamos com Fernandes (2013, p. 98) “que a aprendizagem é dada pela interação, pela construção discursiva”.

As palavras zoomorfixadas não estarão somente dentro dos livros didáticos e seus respectivos exercícios estruturalistas de baixo aproveitamento. Os aprendizes deverão se comunicar, se expressar e interpretar discursos. Não apoiamos modelos de ensino, nem materiais didáticos de português, em que não haja aproveitamento satisfatório por parte dos alunos e também dos professores, que, por muitas vezes recorrem a outros recursos didáticos para otimizar suas aulas.

Nesse entendimento, apresentaremos a seguir o processo metodológico que norteou o desenvolvimento deste trabalho, desde a definição da natureza da pesquisa e do contexto de estudo até a seleção dos instrumentos de coleta e análise de dados. Cada escolha metodológica é justificada em função dos objetivos da pesquisa e da abordagem adotada para o tema.

3. METODOLOGIA

Adotamos como metodologia a análise documental, pois “a mudança social acelerada e a consequente diversificação das esferas da vida fazem com que, cada vez mais, os pesquisadores sociais enfrentem novos contextos de novas perspectivas sociais” (Flick, 2009, p.20). [não ficou clara pra mim a relação entre “análise documental” e a citação feita. Também não ficou clara a relação entre a citação e o que vem logo após ela].

Nesse sentido, o português do Brasil possui um grande acervo de termos e expressões idiomáticas (EI) oriundas de nomes de animais para tratar outros seres humanos, entre outros fatores, em vários contextos, em que se constituem relações metafóricas e metonímicas classificadas como processos de zoomorfixação..

O *corpus* deste trabalho é composto por nomes, frases e expressões idiomáticas envolvendo animais no tratamento de seres humanos, objetos, ações e discursos presentes em materiais multimodais de português como língua adicional. Dessa maneira, consideramos a multimodalidade em seu sentido amplo, pois ela abrange o “uso integrado de diferentes

recursos comunicativos, tais como linguagem, imagem, sons e música em textos multimodais e eventos comunicativos” (van Leeuwen, 2011, p.668). Para esta pesquisa, focaremos apenas nos livros didáticos (LD).

Especificamente, analisamos três livros: *O novo avenida Brasil 2* (2012), *Brasil intercultural* (2013) e *A cara do Brasil* (2023), que serão apresentados a seguir.

3.1 Os livros didáticos e a competência comunicativa

O desenvolvimento da competência comunicativa é um dos pilares do ensino de Português como Língua Adicional (PLA), que proporciona uma imersão linguística tanto em sala de aula como em outros espaços que haja interação social, pois, “aprender uma língua não é mais desenvolver apenas a competência linguística, mas é principalmente desenvolver a competência comunicativa (Hymes, 1972, n.p. *apud* Leffa; Irala, 2014, p. 24). Nesse segmento, muitos LDs de português direcionados ao seu respectivo público-alvo, assumem uma proposta direcionada à competência comunicativa dos aprendizes.

Em *O Novo Avenida Brasil 2*, os autores afirmam que o método do livro é “essencialmente comunicativo, mas, em determinado passo da lição, as aquisições gramaticais são organizadas e explicitadas” (Eberlein, *et al*, 2012, n.p). No manual do professor do MD *Brasil Intercultural*, as autoras destacam a importância do(a) aluno(a) estar em contato “com a língua em uso, resgatando elementos que fazem parte do seu dia a dia para que ele/ela possa construir seu conhecimento a partir das atividades propostas de maneira natural e autêntica” (Barbosa; Guimarães, 2015, p. 12). Por outro lado, o livro *A Cara do Brasil* (Araújo; Vicentini; Marcelino, 2023, p.8) intersecciona os “objetivos comunicativos” em contextos culturais.

Ao longo desta pesquisa e das análises dos livros didáticos, constatamos a recorrência das palavras “cultura” e “interculturalidade”. A seguir, abordaremos os conceitos de ambas palavras diante das propostas multimodais.

3.2 Cultura e Interculturalidade

Na página de apresentação do material *O Novo Avenida Brasil 2*, temos uma compreensão geral da proposta didático-pedagógica do material. O método comunicativo-estrutural foi adotado para promover o aprendizado do português por meio de atividades que conectam o(a) aluno(a) às suas próprias experiências, e busca garantir a

compreensão da estrutura do PB. Nesse entendimento, os autores explicam que o livro não se concentra apenas na competência linguística e comunicativa:

O material não se concentra apenas no ensino de interações de fala e de estruturas. Ele vai muito além. Informações e considerações sobre o Brasil, sua gente e seus costumes permeiam todo o material, estimulando a reflexão **intercultural**. Desse modo, ao mesmo tempo em que adquire instrumentos para a comunicação, em português, o aluno encontra, também, elementos que lhe permitem conhecer e compreender o Brasil e os brasileiros (Eberlein, *et al*, 2012, n.p, grifos nossos).

Em *Brasil Intercultural*, as autoras defendem que a abordagem pedagógica adotada para o projeto é “intercultural, visto que está centrada em uma visão de língua como lugar de interação, como dimensão mediadora das relações que se estabelecem entre sujeitos e mundos culturais diferentes” (Barbosa; Castro, 2013, n.p). Nesse viés, a língua não é considerada apenas como um sistema, “mas um conjunto de possibilidades de interação e vivência que inclui [...] todos os significados sociais, culturais, históricos e políticos que a constituem” (Barbosa; Castro, 2013, n.p).

As autoras do livro didático *A Cara do Brasil* (2023, p. 7) explicam que o material busca auxiliar professores de português a desenvolver a capacidade de conversação dos alunos sobre aspectos da cultura, história, política e arte brasileira. Ao longo do livro, identificamos que a palavra “cultura” aparece vinte e uma vezes; e a “intercultural” aparece uma única vez. Mas não há reflexões ou uma abordagem específica sobre o conceito de ambas palavras. Aliás, nos três livros didáticos, interpretamos que os termos e os derivados de “cultura” e “intercultural” são abertamente explorados, mas pouco contextualizados.

Mendes (2015, p. 206) esclarece que esse fenômeno de tentar construir um conceito de cultura, que tivesse força como instrumento científico, não é um assunto recente. Desde o século XIII a palavra cultura estava presente no léxico francês, no caso o termo *civilisation*, palavra francesa que referia-se principalmente às realizações materiais de um povo. Laraia (2001, p.14, grifos nossos) explica que a origem do nome veio do termo germânico, “*Kultur*, utilizado para simbolizar todos os aspectos espirituais de uma comunidade”.

Seja em língua francesa ou em língua alemã, ambos os termos foram sintetizados por Edward Tylor no vocábulo inglês *Culture*, que “tomado em seu amplo sentido etnográfico é este todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou

qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade” (Mendes, 2015, p. 206). No entanto, concordamos com Kramsch (2017, p. 145) quando define cultura como um “processo discursivo dinâmico, construído e reconstruído de várias maneiras por indivíduos envolvidos nos embates por significado simbólico e no controle das subjetividades e interpretações da história”.

O conceito de interculturalidade atravessa a história social, uma vez que Candau e Russo (2010, p.155) explicam que o termo interculturalidade surge na América Latina no contexto educacional, especialmente no que tange à educação escolar indígena. Em síntese, o conceito de interculturalidade encontra-se no reconhecimento das diversidades culturais e no reconhecimento de grupos culturalmente distintos. Embora essa definição se apresenta de forma incipiente, esse mesmo conceito lança um novo olhar crítico acerca da história social: como as diversas formas de interações entre pessoas e relações de poder. Sejam elas em diálogos ou conflitos entre grupos:

A incorporação do discurso da interculturalidade neste contexto se dá com uma abordagem orientada a inibir conflitos explícitos ou latentes, e não provocar mudanças de caráter estrutural. São incorporados alguns aspectos da diversidade cultural, orientados a promover a tolerância, o respeito mútuo e maiores espaços de expressão dos diferentes grupos socioculturais, mas sempre limitada (Candau; Russo, 2010, p. 163).

A partir dessa perspectiva, podemos compreender que as dimensões sócio-político-cultural, histórica e econômica apresentam aspectos que balizam os contatos assimétricos entre culturas. O exemplo que apresentamos é o referencial teórico deste trabalho, em que as literaturas abordam as metáforas, as metonímias e as EIs em contextos culturais de forma abundante.

Diante disso, entendemos que são o ponto de partida para constituir novas pedagogias, especialmente quando se trata da produção de materiais multimodais que promovam convivências de forma democrática, em que a diversidade seja integrada, não anulada, para os indígenas, para os surdos e para os estrangeiros¹². Por fim, nos questionamos sobre o que é essa “cultura brasileira” ou “cultura do Brasil” que os livros apresentam, uma vez que há várias culturas, grupos étnicos, raças, línguas, além das variações linguísticas que estão marcadas no português brasileiro. É um caso a se (re)pensar.

¹² independentemente de suas situações migratórias.

3.3 Português como PLA

Os livros apresentados acima são definidos como livros de Português como Língua Estrangeira (PLE), como no caso do *O Novo Avenida Brasil 2* e o *A cara do Brasil*. As autoras do *Brasil Intercultural* afirmam que o livro “foi organizado de modo a [auxiliar o(a) professor(a)] em sua tarefa de ensinar português como língua estrangeira/segunda língua [(PL2)]” (Barbosa; Guimarães, 2015, p. 12). Leffa e Irala (2014, p. 31) explicam que se o português não é falado na comunidade em que mora o aluno, ou não é a língua da nação, temos a situação de uma língua estrangeira (PLE). Os autores também explicam que a inadequação do termo PL2, no entanto, “pode ser facilmente percebida, principalmente quando se consideram as características do aluno. Muitos – como filhos de imigrantes, índios, surdos – já conhecem mais de uma língua” (Leffa e Irala, 2014, p. 31).

Nesse entendimento concordamos com o termo PLA, pois o termo “ênfatisa o fato de que a língua aprendida é acrescida à(s) outra(s) língua(s) do repertório linguístico do estudante, o que lhe amplia as possibilidades de participação no mundo” (Bulla; Kuhn, 2020, p. 7). Além disso, o PLA:

O uso do termo “adicional” traz vantagens porque não há necessidade de se discriminar o contexto geográfico (língua do país vizinho, língua franca ou internacional) ou mesmo as características individuais do aluno (segunda ou terceira língua). Nem mesmo os objetivos para os quais o aluno estuda a língua precisam ser considerados nessa instância, se deseja conhecê-la para viajar, jogar, cantar ou obter um emprego melhor, como é o caso do termo “para fins específicos”, muito comumente associado ao ensino de línguas. A proposta então é que se adote um conceito maior, mais abrangente, e possivelmente mais adequado: o de “língua adicional” (Leffa; Irala, 2014, p. 32-33).

Inclusive:

Quando se fala em língua adicional, defende-se também a ideia de que seu ensino é um direito individual do aluno com benefícios para a coletividade. O domínio de outra(s) língua(s) deixou de ser um luxo, concedido a poucos privilegiados com oportunidade de viajar para o exterior, para se tornar um direito de todos e uma prioridade nacional. (Leffa; Irala, 2014, p. 35).

Por essas razões apresentadas acima, esta pesquisa concorda com o termo língua adicional, PLA, desde a concepção do título, como ao longo de toda produção textual; e não

como PLE e PL2 como estão apresentados nos livros didáticos, pois eles podem ser utilizados em salas de aula por alunos(as) que possuem, cada um, histórico educacional próprio. Nesse entendimento, temos controle sobre a origem deles e quantas línguas esses possíveis estudantes possuem. E, para nosso interesse de pesquisa, também nos questionamos como esses alunos interpretaram tais livros didáticos diante dos termos relacionados aos animais, os zoomórficos.

4. ANÁLISE DOS LIVROS DIDÁTICOS

A seguir, apresentamos nossas análises acerca dos materiais didáticos supracitados e como os zoônimos estão presentes nas metáforas, nas metonímias e nas expressões idiomáticas.

4.1 O Novo Avenida Brasil 2

A coleção Avenida Brasil é destinada aos estrangeiros como público-central. A coleção é dividida em 3 (três) volumes a fim de atender às diretrizes do Quadro Europeu Comum de Referência (CEFR). Nosso objeto de análise é o Novo Avenida Brasil volume 2, projetada para estudantes do nível de referência A2¹³. O livro possui 6 (seis) unidades chamadas de lições, um tópico de revisão e uma sequência de anexos.

Exploramos o livro didático e identificamos alguns elementos que valem nossa atenção. Na “lição 4: vida em família”, o eixo temático gira em torno das migrações, da árvore genealógica e das relações familiares. Entre os textos e as atividades, havia o segundo exercício sob o título de “parentesco”. O(a) aluno(a) deveria relacionar algumas expressões com seus respectivos significados (figura 1).

¹³ Usuário elementar ou básico.

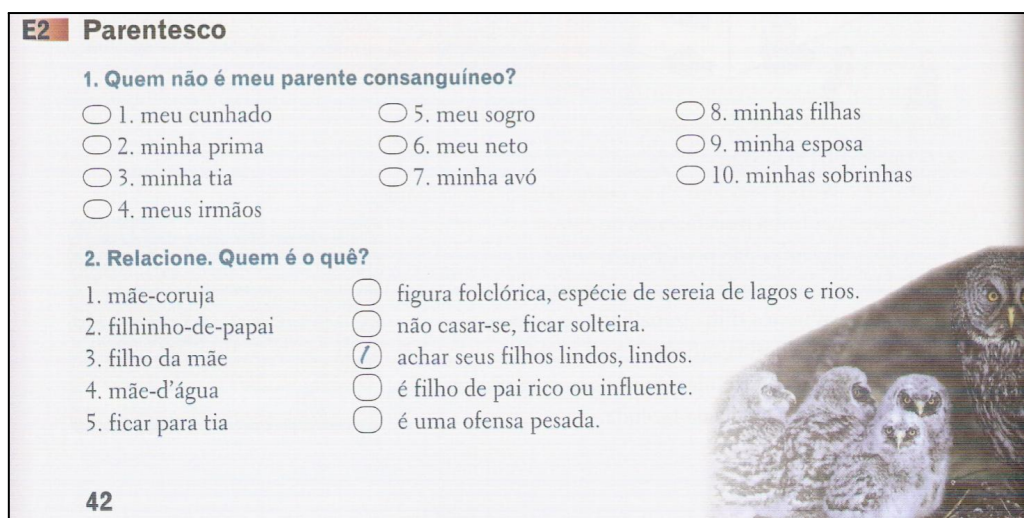


Figura 1: Novo Avenida Brasil - vol. 2. (2012, p. 42)

Entre as demais expressões apresentadas na atividade, enfatizamos o zoônimo “mãe coruja”. Para os autores, o zoônimo é referente à ideia de mães que acham “seus filhos lindos, lindos” (Eberlein *et al.*, 2012, p. 42). A inclusão de uma imagem de uma coruja com filhotes reforça a representação simbólica do animal, cujas características são atribuídas aos seres humanos. Contudo, não apoiamos a resposta da atividade atribuída a todas as mães corujas. Concordamos que “a expressão ‘mãe coruja’ faz parte da cultura popular e diz respeito às mães que cuidam e se orgulham de seus filhos” (Pernambuco, 2017, p.33), o que não é necessariamente vinculado à beleza da prole. O animal é um clássico símbolo filosófico, que “pode movimentar-se em 360°, olhar em todos os ângulos. Une as partes e compreende o todo. Tem intuição e sabedoria” (Pernambuco, 2017, p.33).

Em suma, uma mãe coruja poderá ser uma mãe cuidadora, protetora, observadora e até mesmo controladora. Nesse entendimento, estamos de acordo que uma possível resposta mais adequada seria algo próximo de: “aquela que se orgulha de seus filhos”, “aquela que protege os filhos” ou “aquela que vigia os filhos”. Poderá ser positivo ou negativo e dependerá do contexto em que uma determinada mãe estiver inserida para ser relacionada a uma coruja.

Na “lição 6: de norte a sul”, o eixo temático aborda as regiões geográficas do Brasil e as influências culturais. Na terceira atividade, “A3: Estereótipos”, podemos observar elementos visuais que representam um grupo de homens brasileiros: o carioca, o paulista, o

mineiro e o gaúcho (figura 2), acompanhados de caixas de textos que descrevem as possíveis características desses grupos.



Figura 2: Novo Avenida Brasil - vol. 2. (2012, p. 58)

Além dos homens, a introdução da figura de um jacaré e de um papagaio (trajado em roupa de gala masculina) adiciona uma camada de complexidade ao diálogo metalinguístico sobre preconceito e estereótipos, tornando-o particularmente curioso. O processo pela qual os animais são humanizados chama-se antropomorfismo. Essa atribuição de características de seres humanos a animais ocorre em gêneros literários, como a fábula e as histórias em quadrinhos, ou até mesmo em desenhos animados. “Comumente é possível encontrar textos em que os protagonistas são animais que apresentam comportamentos muito semelhantes aos de pessoas: falam, são bípedes, possuem raciocínio lógico, [elaboram] estratégias, dentre outros” (Silva, 2015, p.34).

A título de exemplo, podemos identificar a antropomorfização em *Vidas Secas*¹⁴, com a humanização da cachorra Baleia diante da zoomorfização de Fabiano. Também identificamos a antropomorfização no comportamento de personagens como Mickey, Pernalonga, Pica-pau ou, mais precisamente, na concepção do Zé carioca que, “inspirado em inúmeros estereótipos brasileiros e, mais particularmente, no carioca – morador da cidade do Rio de Janeiro, destacava aspectos como a malandragem e a preguiça” (Vergueiro; De Kerchove De Denterghem, 2015, n.p).

¹⁴ Obra de Graciliano Ramos, publicada em 1938.

Destacamos que o nosso objetivo principal não é identificar animais que se comportam, se vestem e pensam como seres humanos. Por outro lado, dada as circunstâncias da atividade, questionamos se a presença do jacaré e do papagaio na ilustração do *O Novo Avenida Brasil 2* não seria um caso de zoomorfização sobre os estereótipos: pessoas que são demasiadamente repetitivas são chamadas de “papagaios” ou “maritacas”; e pessoas que conversam assuntos sem profundidade, com pouca relevância são aquelas com “papo de jacaré”. Ainda sim é confuso, pois não identificamos qualquer relação metafórica entre papagaios e pessoas preconceituosas.

Como não tivemos acesso ao manual do professor, decidimos buscar mais informações por meio da seção de revisão. A atividade “D2: Dizem por aí” (figura 3), que corresponde à oitava questão da lista, é acompanhada por um ícone que sinaliza a necessidade de compreensão oral. O material de áudio correspondente ao exercício trata-se de uma entrevista. Nesse entendimento, a primeira questão da lista exige que o(a) aluno(a) revise os textos da página 58 da lição seis do livro (A3: Estereótipos), escute o material em áudio e identifique o gentílico correspondente ao entrevistado.

D2 8 Dizem por aí ...

 **1. Leia mais uma vez sobre os estereótipos na página 58, e ouça a gravação.**

A entrevista é com

☐ um paulista

☐ um gaúcho

☐ um mineiro

☐ um carioca



2. Ouça a gravação de novo.

Quais estereótipos sobre a região do entrevistado são mencionados na entrevista?

O ☐ é machão. ☐ é boa-vida. ☐ só quer ganhar dinheiro.

☐ só trabalha. ☐ odeia trabalhar. ☐ não diz a verdade.

☐ não gosta de mulheres. ☐ é pão-duro. ☐ não diz o que pensa.

☐ fala pouco. ☐ é mão de vaca. ☐ não suporta o calor.

Figura 3: Novo Avenida Brasil - vol. 2. (2012, p. 123)

A segunda questão trata dos estereótipos que são mencionados na entrevista. O jacaré e o papagaio continuam presentes na ilustração, porém não identificamos qualquer relação da atividade com a presença desses dois elementos. Curiosamente, a EI “mão de vaca” aparece no exercício em conformidade com a entrevista em áudio:

- E dizem por aí que o mineiro é pão-duro, **mão de vaca**. Você acha?
- Eu concordo. Bom, porque o mineiro geralmente gosta de guardar dinheiro, né? Dizem que [o] mineiro guarda dinheiro debaixo do colchão. Ele não gosta de abrir mão, nem para jogar peteca, mas é uma característica principalmente do interior de Minas. E fazer economia em Minas é uma [...] Uma coisa típica do mineiro. Pra não gastar, ele guarda dinheiro...¹⁵

Destacamos que, ao longo do livro *Avenida Brasil Volume 2*, não há uma nota ou menção direta a respeito da presença de um jacaré e de um papagaio como personagens de suporte do material didático. A presença imagética desses dois animais aparecem esporadicamente ao longo do material, sem nenhuma conexão representativa com as lições (ou unidades didáticas). Talvez, a intenção dos autores era apresentar personagens cativantes antropomorfizados, que representam a fauna de algum bioma do Brasil e estabelecer algum tipo de conexão com o público-central.

Por fim, o elemento zoomorfizado “mão de vaca” foi retirado de uma entrevista e introduzido no exercício sem nenhum preparo específico. Não há uma lição ou uma seção específica, ao longo de todo o material, que trata de EI ou demais figuras de linguagem. Nesse viés, levantamos alguns questionamentos: se um(a) aluno(a) ouvir o áudio e perguntar o significado e a origem da expressão, seria, no caso, responsabilidade do(a) professor(a)? Ou, mesmo que o livro didático não consiga suprir toda proposta didática, quais estratégias um(a) docente poderia adotar para sanar as dúvidas do(a) aluno(a)?

4.2 Brasil intercultural: ciclo básico

O livro didático “Brasil intercultural ciclo básico: níveis 1 e 2” pertence à coleção “Brasil Intercultural - Língua e Cultura Brasileira para Estrangeiros” (BI). A coleção compreende “um conjunto de quatro volumes [...] que cobrem os conteúdos de quatro ciclos de aprendizagem de português para falantes de outras línguas” (Barbosa; Castro, 2013, n.p), com enfoque mais específico no público hispanofalante. Em síntese, a coleção BI possui o livro do(a) aluno(a), o livro de exercícios e o manual do(a) professor(a).

Nosso objeto de análise é o livro do aluno do ciclo básico: níveis 1 e 2. O material possui 7 (sete) unidades didáticas e um anexo distribuído entre um apêndice gramatical e uma seção que trata da fonética do PB. As atividades de cada unidade são baseadas em materiais

¹⁵ Transcrição parcial da Faixa 39.

autênticos e variados, como textos, áudios e vídeos, que simulam situações reais de uso da língua, “voltados para o desenvolvimento de experiências com a língua em uso, em situações reais e contextualizadas” (Barbosa; Castro, 2013, n.p).

No que tange a abordagem intercultural, proposta pelas autoras do BI, e o nosso objetivo de pesquisa — os zoônimos —, identificamos na unidade 5 do livro do(a) aluno(a) uma tabela que apresenta algumas expressões idiomáticas do português brasileiro que possuem termos de animais. Com o propósito de alcançar uma compreensão mais aprofundada dos objetivos das autoras, procedemos a uma breve revisão da unidade.

O eixo temático da unidade 5 chama-se “sonho de consumo”. Observamos que o tema gira em torno da moeda brasileira, o real, a história do sistema monetário brasileiro, o consumo e as formas de pagamentos no Brasil. Para introduzir uma abordagem relacionada aos animais, as autoras apresentaram as cédulas do real e como cada animal representa um determinado valor, como a arara estampada na nota de dez reais ou a onça na nota de cinquenta reais. Além do tema norteador, são contempladas atividades com músicas, interpretação de texto e tópico gramatical.

A atividade número 9 (nove) é dedicada ao aprofundamento do vocabulário, com um extenso glossário visual de animais, organizados por classe: aves, mamíferos, insetos, répteis, anfíbios e animais marinhos. Entre todos os seres apresentados, há uma tabela com expressões idiomáticas relacionadas aos animais (figura 4).

Unidade 5
Ciclo Básico














Algumas expressões idiomáticas são compostas com a utilização de nomes de animais. Vejamos algumas:

BEZERRA	<i>Pensar na morte da bezerra</i>	<i>Estar distraído</i>
CÃO	<i>Como cão e gato</i>	<i>Briguentos</i>
CAVALO	<i>Cavalo dado não se olha os dentes</i>	<i>Não se deve reclamar de um presente</i>
COBRAS	<i>Dizer cobras e lagartos</i>	<i>Falar mal de alguém/xingar</i>
GALINHA	<i>Deitar-se com as galinhas</i>	<i>Deitar-se muito cedo</i>
GATO	<i>O gato comeu a língua</i>	<i>Estar silencioso</i>
LEBRE	<i>Comprar gato por lebre</i>	<i>Ser enganado</i>
PATO	<i>Cair que nem um pato</i>	<i>Ser enganado</i>
PORCO	<i>Jogar pérolas aos porcos</i>	<i>Falar palavras difíceis que outros não poderão entender</i>
SAPO	<i>Engolir sapo</i>	<i>Aceitar algo sem reclamar</i>
SARDINHA	<i>Como sardinha em lata</i>	<i>Estar apertado e incômodo em um lugar</i>
VACA	<i>Ser mão de vaca</i> <i>Fazer uma vaquinha</i>	<i>Ser avarento</i> <i>Juntar dinheiro entre várias pessoas</i>















noventa e um 91

Figura 4: Brasil Intercultural (2013, p.91)

O livro apresenta uma lista com 12 (doze) nomes de animais, as EI relacionadas a cada animal e seus respectivos significados. Em uma primeira análise, identificamos que há zoomorfização, contudo não era somente para tratar seres humanos como animais. Os

objetos, as ações e os discursos também são zoomorfizados. Para tornar mais claro, apresentamos nossa análise organizada em quadros:

Quadro 7 - zoomorfização de seres humanos

seres humanos → zoomorfização		
zoônimo	EI	valor
cão	<i>como cão e gato</i>	negativo
pato	<i>Cair que nem um pato</i>	negativo
porco	<i>jogar pérolas aos porcos</i>	negativo
sardinha	<i>como sardinha em lata</i>	negativo
vaca	<i>ser mão de vaca</i>	negativo
galinha	<i>Deitar-se com as galinhas</i>	neutro

(Fonte: Elaboração própria baseada em Barbosa e Castro, 2013, p. 91)

Entre os doze exemplos de EI apresentados no livro do(a) aluno(a), a metade está relacionada aos seres humanos. Também observamos que, majoritariamente, as zoomorfizações possuem valor negativo e, das seis expressões idiomáticas analisadas, três estabelecem comparações metafóricas, pois “há sempre palavras ou expressões que estabelecem a relação entre os termos comparados. São os conectivos comparativos: **como, feito, que nem, assim como, tal, tal qual, qual** etc.” (Lessa; Guimarães, 1988, p.6, grifos nossos). Tais comparações metafóricas se refletem na subjetividade, pois “dependem muito do sujeito que as enuncia - da sua sensibilidade, do seu estado de espírito, da sua experiência etc.” (Lessa; Guimarães, 1988, p. 6). E da mesma maneira depende da subjetividade do interlocutor/leitor, elaborando a lógica da sensibilidade.

1. Aquela mulher é **como** uma leoa (comparação metafórica);
2. Aquela mulher é uma leoa (metáfora);

3. Ele é esperto **como** uma raposa (comparação metafórica);
4. ele é uma raposa (metáfora).

Do ponto de vista lógico uma mulher é um ser humano (A), e uma leoa é um animal (B); uma mulher não é um animal felino. Contudo, na perspectiva da linguagem, “o que ocorreu aí foi a atribuição de determinadas características do elemento B ao elemento A” (Lessa; Guimarães, 1988, p.10). De todas as características de uma leoa, destacamos apenas aquelas que consideramos semelhantes às qualidades (em grau negativo ou positivo) da mulher: protetora, forte, territorialista, agressiva, bela etc.

Em linhas gerais, a comparação metafórica “é uma comparação entre dois elementos de universos diferentes” (Lessa; Guimarães, 1988, p.5). “Nós aproximamos esses elementos porque “enxergamos” uma característica comum a ambos” (Lessa; Guimarães, 1988, p.5), ou seja, a relação de hostilidade, rivalidade, de engano ou situação. São os casos de “como cão e gato”, “cair que nem um pato” e “como sardinha em lata”.

A EI “jogar pérolas aos porcos” é outro caso interessante, como já apresentamos anteriormente. Sua origem pode ser bíblica, identificada no Novo Testamento, no livro de Mateus (7:6): “Não deis as coisas santas aos cães, nem lanceis as vossas pérolas aos porcos; para que não as pisem aos pés, e, voltando-se, vos despedacem”. As pérolas são jóias orgânicas, que remetem a ideia de riqueza, como algo de grande valor, brilhante. Os porcos são animais associados à sujeira, ao lixo ou à imundice. No caso, as pérolas são comparadas ao discurso ou ao conhecimento brilhante, de grande valor; enquanto os porcos são os interlocutores (seres humanos) que não valorizam ou são incapazes de reconhecer algo bom que lhes foi oferecido.

A EI “mão de vaca” é popular em contextos de interação social. “A palavra ‘mão’ e as expressões com ‘mão’ estão na origem de metáforas [conceituais], como acima é bom, abaixo é mau, o corpo é um contentor,[...] transferência é mudança de contentor, ter mão é ter poder, pessoas são animais, animais são pessoas” (Xastre, 2013, p.93). Ou seja, a mão está associada à ação de abrir e fechar, segurar e soltar (dinheiro). A vaca, por outro lado, encontra-se

relacionada à economia. Para tanto, há outra expressão relacionada à vaca que aborda essa ideia de valor econômica, tal como: “tempos de vacas magras¹⁶”.

A mão fechada, que segura o objeto de valor, pode estimular a imagem mental do dinheiro poupado. A pata de uma vaca, por metáfora, possui esse formato de uma mão fechada, que fecha os dedos, ou a própria concepção de que não há dedos nem para fechar. Ademais, percebemos que a palavra (mão) e a EI podem ativar “metonímias como todo pela parte, parte pelo todo, parte pela parte, continente pelo conteúdo, instituição por pessoas, pessoa pelo nome, causa pelo efeito” (Xastre, 2013, p.95). Conforme apresentamos acima, compreendemos que a EI “mão de vaca” trata-se de uma metonímia, pois uma parte da vaca (mão/ pata) representa a totalidade do ser humano (avarento), conforme apresentamos anteriormente no tópico de metonímias.

Consideramos a EI “deitar-se com as galinhas” com valor neutro. Também analisamos que se trata de zoomorfização da pessoa pelo comportamento comparado ao das galinhas que dormem cedo, assim como outras aves. Nesse entendimento, dormir cedo refere-se à subjetividade de cada ser humano. Há quem goste de dormir cedo, ou quem precisa dormir cedo, ou, ocasionalmente, dormiu cedo. O uso dessa EI depende de um contexto: quem fala, para quem fala e como é recebida pelo(a) interlocutor(a).

Quadro 8 - objetos zoomorfizados

objetos → zoomorfização		
zoônimo	EI	valor
cavalo	<i>cavalo dado não se olha os dentes</i>	positivo
lebre	<i>Comprar gato por lebre</i>	negativo

(Fonte: Elaboração própria baseada em Barbosa e Castro, 2013, p. 91)

¹⁶ No livro de Gênesis, José interpretou o sonho do Faraó do Egito a respeito de uma profecia de sete anos de fartura e sete anos de seca: “E eis que subiam do rio sete vacas, formosas à vista e gordas de carne, e pastavam no prado. E eis que subiam do rio após elas outras sete vacas, feias à vista e magras de carne; e paravam junto às outras vacas na praia do rio. E as vacas feias à vista e magras de carne, comiam as sete vacas formosas à vista e gordas. Então acordou Faraó” (Gênesis, 41: 2-4).

A relação entre seres humanos e os cavalos é milenar. Os cavalos foram domesticados e se tornaram um bem móvel de grande valor, ou seja, “na medida em que o cavalo era um aliado na manutenção de atividades cotidianas passou a ser igualmente explorado pelo [ser humano], que habilmente começou a capitalizar sua potência física” (Boscatti; Adelman, 2020, p. 222). Podemos listar a relação entre o animal equino com o ser humano, que vai desde períodos de guerras, veículos a tração, esportes, lazer até mesmo em serviços de terapia.

A partir do século XVIII, a ciência e a tecnologia se expandiram e houve investimentos para a purificação de raças animais, tornando o cavalo “um signo de civilidade, pureza racial e prestígio econômico” (Boscatti; Adelman, 2020, p. 226). A EI “cavalo dado não se olha os dentes” é o exemplo evidente de um objeto (presente) que foi zoomorfizado com valor positivo. Afinal, um presente tão valioso, oferecido com generosidade, não pode ser recusado. Nesse entendimento, entendemos que a zoomorfização não se restringiu à relação entre humanos e animais, mas sim ao processo de atribuição de características animais a outros objetos.

Da mesma maneira, identificamos a EI “comprar gato por lebre” com a ideia de zoomorfização de um objeto. Em primeira análise, o livro do(a) aluno(a) aponta que a expressão possui o mesmo valor de “cair que nem um pato”, ou seja, ser enganado. Conforme nossa análise supracitada, os conectivos comparativos (como, tal como, que nem etc.) auxiliam no entendimento de que uma pessoa é comparada ao animal. Por outro lado, quando observamos a expressão “comprar gato por lebre”, não são os verbos que indicam a ação, movimento ou processo que foram zoomorfizados, mas, sim, o objeto da oração (o gato) que passou pelo processo de troca desigual.

Para tanto, identificamos que há EIs com a mesma carga semântica, apesar de apresentarem diferenças em suas estruturas sintáticas: “comprar gato por lebre”, “trocar gato por lebre” ou “levar gato por lebre”¹⁷. Esse último, por sua vez, não possui um objeto, mas trata-se de uma locução verbal e funciona como um predicado verbal.

Quadro 9 - ação zoomorfizada

ação → zoomorfização

¹⁷ Conforme vimos em Xatara 1998b.

zoônimo	EI	valor
vaca	<i>fazer uma vaquinha</i>	positivo

(Fonte: Elaboração própria baseada em Barbosa e Castro, 2013, p. 91)

Fazer uma vaquinha indica uma ação coletiva que é zoomorfizada, pois transmite a ideia de arrecadação ou simplesmente uma “associação de várias pessoas [...] para a compra ou realização de algo” (Fonseca; Cano, 2011, p.16). Outro fator curioso é que, em nossas análises, o termo “vaquinha” é uma das poucas palavras identificadas no diminutivo dentro das EIs. Nesse sentido, acreditamos na possibilidade do morfe “-inha” ser adotado como estratégia conversacional por meio da atenuação. A utilização do diminutivo, marcada por sua flexibilidade pragmática, revela-se como estratégia discursiva para a construção de interações polidas. Sua ocorrência “apresenta um condicionamento pragmático ao revelar-se cultural e situacionalmente determinado” (Pontes, 2021, p.160).

Observamos que tanto o animal de referência quanto a ação de fazer uma vaquinha possuem um valor econômico associado. No entanto, a vaquinha, como prática coletiva, geralmente dentro de um determinado grupo social, visa a arrecadação de pequenas contribuições para um objetivo comum. Daí, identificamos seu valor positivo por meio da capacidade da língua de atenuar a força do que é enunciado, aproximando o falante de seu interlocutor.

Quadro 10 - discurso zoomorfizado

discurso → zoomorfização		
zoônimo	EI	valor
sapo	<i>engolir sapo</i>	negativo
cobras	<i>Dizer cobras e lagartos</i>	negativo

(Fonte: Elaboração própria baseada em Barbosa e Castro, 2013, p. 91)

E “engolir sapo” é suportar silenciosamente as ofensas e as injustiças proferidas por alguém. Curiosamente, é uma expressão que possui uma relação muito próxima ao mundo do trabalho. Em outras palavras, “é não ter o direito, o espaço, a liberdade ou a coragem de responder à altura um insulto, uma humilhação, uma acusação, uma ironia” (Rodrigues; Teixeira, 2008, p. 8). Em suma, organizações autoritárias e meio ambiente de trabalho insalubre fomentam assediadores que “paguem” os sapos e que as vítimas os “engulam”.

"Dizer cobras e lagartos" é uma EI que significa falar mal de alguém de forma intensa, utilizando insultos e ofensas. As serpentes e os lagartos são répteis que possuem algumas semelhanças. São associados à maledicência, pois são animais que possuem a característica de botar a língua para fora. Logo, por metáfora, são relacionados às pessoas que usam a língua para proferir insultos e podem estar relacionados a outras expressões, como “soltar o veneno” ou “ter a língua afiada”. Nessa perspectiva, entendemos que as cobras, os lagartos e os sapos são os discursos zoomorfizados.

Quadro 10 - indefinições

indefinido		
zoônimo	EI	valor
gato	O gato comeu sua língua	negativo
Bezerra	Pensar na morte da bezerra	negativo

(Fonte: Elaboração própria baseada em Barbosa e Castro, 2013, p. 91)

Por fim, entre os doze exemplos apresentados no livro do(a) aluno(a), as EI “o gato comeu a sua língua” e “pensar na morte da bezerra” não apresentam processos de zoomorfização. Não é uma pessoa, uma ação, um objeto ou um discurso animalizado. São expressões populares que notificam que um dado animal, o gato, praticou a ação de silenciar alguém e a morte de outro animal (a bezerra) causou a distração ou um mergulho profundo em pensamentos melancólicos.

Retomamos a análise do livro do(a) aluno(a) e observamos a atividade 10, de caráter estruturalista, em que os alunos devem completar treze frases com as expressões idiomáticas apresentadas na tabela da página 91. Destacamos algumas para fins de análise:

a) Mariana fez uma compra virtual, mas em vez de receber o produto que aparecia no site, recebeu um produto menor e diferente do anunciado. Ela [lacuna]

Segundo o gabarito apresentado no manual do(a) professor(a), a resposta é “comprou gato por lebre”. Nesse sentido, se a expressão “cair como um pato” for utilizada, não seria considerada errada. Ambas respostas possuem a mesma carga semântica, ou seja, a de ser enganado(a) após a compra ou aquisição de um produto. Contudo, na frase “k) Gustavo sempre acredita no que sua namorada diz. Ela mente e ele...” a resposta é definitivamente “cair que nem um pato”, mas não caberia “comprar gato por lebre”, pois o engano de Gustavo refere-se às mentiras de sua namorada.

b) Quando há algum problema, em vez de reclamar e se indispor com seus colegas, Paulo prefere [lacuna]

engolir sapo, conforme o gabarito da questão. No entanto, acreditamos que se Paulo preferir “dormir com as galinhas” ou “pensar na morte da bezerra” para não se indispor com seus colegas, também seriam possíveis respostas que caberiam na lacuna da atividade. A indisposição diante de um conflito não necessariamente induz alguém a silenciar-se. Se o outro preferir retirar-se do ambiente, dormir mais cedo ou pensar em outras coisas e desligar-se do problema, seria compreensível.

e) Carolina e Marcos estão sempre brigando, como [lacuna]

entendemos que há duas possibilidades de completar a frase. Pode ser que Carolina e Marcos sejam como cão e gato, de acordo com o gabarito; ou a possibilidade de Carolina e Marcos serem como cobras e lagartos. A conjunção “como” precede a lacuna da frase e

possibilita ideias comparativas. A EI “dizer cobras e lagartos” é o discurso zoomorfizado; ser “como cobras e lagartos” forma a noção de metáfora comparativa.

Na sequência, a atividade 11 propõe ao(a) aluno(a) que “faça uma pesquisa sobre outras expressões idiomáticas, compostas a partir de nomes de animais” (Barbosa; Castro, 2013, p.92). Para concluir, as EI pesquisadas deverão ser apresentadas posteriormente à turma. À vista disso, não identificamos uma menção prévia sobre o uso de expressões idiomáticas, metáforas ou metonímias ao longo da Unidade 5. Nesse entendimento, buscamos no manual do(a) professor(a), referente ao ciclo básico, e analisamos informações complementares que não são apresentadas no livro do(a) estudante.

Sendo assim, buscamos compreender com mais detalhes a proposta didático-pedagógica da respectiva unidade, “que tem como objetivo fazer com que o (a) aluno (a) desenvolva suas capacidades de comunicação e interação a partir do eixo temático” (Barbosa; Guimarães, 2015, p.66). No entanto, as autoras recomendam aos professores que apenas ampliem as expressões além daquelas apresentadas no livro do(a) aluno(a). Como sugestão, acrescentaram mais sete exemplos de EI que poderão ser abordados em sala de aula (figura 5), sem mais informações técnicas acerca da origem das expressões ou insumos pedagógicos para trabalhar o ensino de PLA.

Atividade 9	Professor (a), sugerimos que você amplie as expressões apresentadas. Além das expressões que indicamos aqui, você pode acrescentar outras que considerar convenientes: Acertar na mosca Acertar com precisão. Pôr minhoca na cabeça de alguém Criar ou refletir sobre problemas inexistentes. Tirar o cavalinho da chuva Significa que a pessoa não deve esperar que um determinado acontecimento ocorra. Pagar o pato Levar a culpa de alguma coisa que não cometeu. Filho de peixe, peixinho é... Quando um filho é ou age igual ao pai ou à mãe. Nem que a vaca tussa De jeito nenhum/ Nunca/ Jamais. Ficar uma arara Ficar furioso. Professor (a), este é um ótimo momento para trazer para a sala de aula o gênero textual fábulas. Explore as características desse gênero e proponha para os (as) alunos (as) a seguinte atividade.	74
	www.brasilintercultural.com.ar	

Figura 5: Brasil Intercultural — manual do professor, 2015, p. 74

4.3 A Cara do Brasil

A Cara do Brasil é um livro publicado pela Editora da Universidade do Maranhão (EDUFMA). O material não pertence a uma coleção específica e nem possui um guia do(a) professor(a). Segundo as autoras, “A Cara do Brasil” surgiu da necessidade de suprir a lacuna existente no ensino de Português como Língua Estrangeira (PLE) para estudantes de nível intermediário-avançado, “uma vez que são escassos os materiais para esse segmento, especialmente no contexto universitário estadunidense” (Araújo; Vicentini; Marcelino, 2023, p.7).

Em linhas gerais, o livro é dividido em 4 (quatro) unidades didáticas e uma unidade de revisão. As unidades 3 e 4, intituladas respectivamente "O Brasil Político" e "O Brasil Artístico", são os focos principais de nossa análise. Nessas unidades, identificamos a

presença de zoônimos em um texto, em uma transcrição de vídeo, em exercícios de fixação e em um poema.

A terceira unidade, “O Brasil Político”, “aborda temas como saúde, educação e a importância de políticas públicas voltadas a esses setores” (Araújo; Vicentini; Marcelino, 2023, p.7). A primeira atividade da unidade adota uma abordagem centrada no indivíduo, em que o(a) aluno(a) poderá expressar suas opiniões e visão de mundo. A atividade seguinte é uma leitura do texto adaptado “O que é política?” (figura 6), de Luiz Andreassa. No terceiro parágrafo identificamos a presença de zoônimos no texto:

O filósofo grego Aristóteles definiu o ser humano como um **animal político**, ou seja, um ser que inconscientemente busca a vida em comunidade, porque suas necessidades materiais e emocionais só podem ser satisfeitas pela convivência com outras pessoas. Além disso, o **animal político** se diferencia dos outros **bichos** pela sua capacidade de se comunicar em nível complexo, diferentemente de outras espécies. Por meio da linguagem, o humano pode trocar ideias, imaginar o futuro e criar regras para compartilhar o mesmo espaço (Araújo; Vicentini; Marcelino, 2023, p. 55, grifos nossos).

Dessa forma, a origem da política remonta a participação na comunidade, à vida coletiva. Bem diferente do que se costuma pensar sobre a política como algo limitado aos políticos profissionais e longe do nosso cotidiano.

O filósofo grego Aristóteles definiu **o ser humano como um animal político**, ou seja, um ser que inconscientemente busca a vida em comunidade, porque suas necessidades materiais e emocionais só podem ser satisfeitas pela convivência com outras pessoas. Além disso, **o animal político** se diferencia dos **outros bichos** pela sua capacidade de se comunicar em nível complexo, diferentemente de outras espécies. Por meio da linguagem, o humano pode trocar

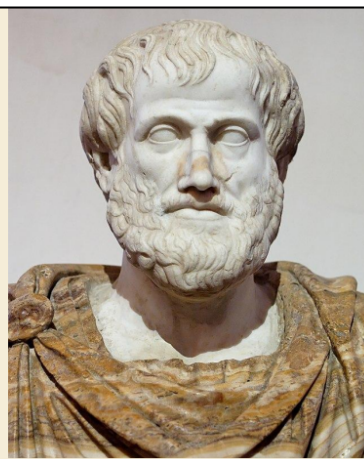


Figura 6: A cara do Brasil (Fonte: Araújo; Vicentini; Marcelino, 2023, p. 55, grifos nossos).

Ao longo das atividades propostas pela unidade didática, não há uma reflexão clara sobre a relação: o ser humano, um animal político e os outros bichos. Compreendemos que o eixo temático é “política”, e tratar de zoônimos, provavelmente, não fazia parte dos objetivos das autoras. Por outro lado, o texto selecionado faz clara provocação acerca do “animal político” como contraponto filosófico, que poderia ser aproveitado ao longo dos exercícios fixados pela unidade didática. Afinal, os objetivos comunicativos estão interseccionados em contextos culturais.

Na sequência, nos deparamos com a “Unidade 4: O Brasil Artístico” que, segundo as autoras, “trata de diferentes manifestações artísticas no Brasil ao longo da história” (Araújo; Vicentini; Marcelino, 2023, p.7). A unidade apresenta um texto informativo do IPHAN¹⁸, intitulado “O Parque Nacional Serra da Capivara”. O texto explora a riqueza do parque, desde a relevância da história local, dos artefatos encontrados e das pinturas rupestres. Estes elementos foram cruciais para que o sítio arqueológico fosse declarado patrimônio cultural, um reconhecimento de sua importância para a humanidade.

Ao longo das atividades relacionadas ao texto supracitado, as autoras abrem uma reflexão sobre a chegada dos povos originários na América do Sul e como o “patrimônio arqueológico do Parque Nacional Serra da Capivara é constituído por cerca de 700 sítios de pinturas rupestres pré-históricas” (Araújo; Vicentini; Marcelino, 2023, p.76). Na sequência, a atividade é baseada em um vídeo publicado na plataforma YouTube, sob o título: “Serra da Capivara, Piauí: pinturas rupestres, turismo e segredos milenares”.

O livro apresenta os excertos transcritos do vídeo. Dessa maneira, selecionamos um trecho específico (figura 7) para fins desta pesquisa:

Niède Guidón: O que acontece é que **o brasileiro não respeita os indígenas**. Muitas pessoas me disseram ‘por quê que a senhora fica estudando esses **bichos** que andavam pelados por aí’, entende? Quer dizer, **pra eles não são homens, não são uma cultura**. E é isso que a gente precisaria mudar, mas não sei como.

Figura 7: trecho do vídeo transcrito (A Cara do Brasil, 2023, p. 78, grifos nossos)

A partir do vídeo e das transcrições apresentadas, o livro oferece uma série de perguntas ao(a) aluno(a), relacionadas ao trecho mencionado acima:

- b) Que crítica Niède Guidón tece à sociedade moderna por seu tratamento aos indígenas?
- c) Niède Guidón diz que “o brasileiro não respeita os indígenas”. Qual é a sua opinião sobre essa afirmação? Explique.
- d) O que você sabe sobre a preservação das tradições indígenas em outros países? (A Cara do Brasil, 2023, p. 78).

¹⁸ O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) é uma autarquia federal brasileira responsável pela preservação e divulgação do patrimônio cultural do Brasil.

Entendemos que as perguntas tratam da falta de respeito e de termos depreciativos que os indígenas recebem. Segundo as palavras de Niède Guidón no vídeo, as pessoas perguntaram a ela a razão de estudar “esses bichos que andavam pelados por aí” (Araújo; Vicentini; Marcelino, 2023, p.78). Em outras palavras, os indígenas são zoomorfizados, pois são comparados a bichos. Diante disso, entendemos que o exercício faz um convite implícito para o entendimento do tratamento desumano que os povos originários recebem.

Na mesma sequência didática somos apresentados ao Modernismo Brasileiro¹⁹ na atividade “5E”. O material apresenta Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade como “grandes representantes do Modernismo Brasileiro” (Araújo; Vicentini; Marcelino, 2023, p. 91), pois eram escritores que buscavam romper com os padrões estéticos tradicionais e criar uma arte que refletisse a realidade e a identidade brasileira (figura 8).

5E. Manuel Bandeira (1886-1968) e Carlos Drummond de Andrade (1902-1987) foram dois grandes representantes do Modernismo Brasileiro. Suas poesias eram marcadas por questionamentos em torno da existência humana e, diferentemente das poesias parnasianas, caracterizavam-se por apresentar subjetividade, fragmentação, síntese, nacionalismo, ironia, humor e paródia, relato do cotidiano e revisão crítica do passado histórico e cultural. Antes de ler os poemas desses poetas, associe as palavras às suas definições do dicionário.

a) Bicho	()	Resíduo do que se desorganizou por atrito; restos.	Fonte
b) Pátio	()	A mais interior das membranas do globo ocular e em que se formam as imagens	Fonte
c) Detrito	()	Nome genérico de todas as faixas de terreno que conduzem de um a outro lugar.	Fonte
d) Caminho	()	Terreno murado anexo a um edifício.	Fonte
e) Pedra	()	Designação dada a diversos animais.	Fonte
f) Retina	()	Substância dura e compacta que forma as rochas.	Fonte

Figura 8: Trecho informativo sobre o Modernismo. (A Cara do Brasil, 2023, p. 91, grifos nossos)

Ainda no mesmo tópico, uma atividade desconexa sobre vocabulário é apresentada na qual o(a) aluno(a) deverá associar cinco palavras com as definições apresentadas no quadro. Dentre as palavras apresentadas, o termo "bicho" é utilizado em seu sentido denotativo.

¹⁹ movimento artístico, cultural e literário que ocorreu no Brasil na primeira metade do século XX.

No exercício seguinte, atividade “5F”, os poemas de Manuel Bandeira, "O Bicho" e de Carlos Drummond de Andrade, “No Meio do Caminho” são apresentados (figura 10).

5F. Leia os dois poemas abaixo, identifique algumas das características acima mencionadas e discuta com seus colegas.

O Bicho

Vi ontem um bicho
Na imundície do pátio
Catando comida entre os detritos.

Quando achava alguma coisa,
Não examinava nem cheirava:
Engolia com voracidade.

O bicho não era um cão,
Não era um gato,
Não era um rato.

O bicho, meu Deus, era um homem.

Manuel Bandeira, 1947

No meio do caminho

No meio do caminho tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
tinha uma pedra
no meio do caminho tinha uma pedra.

Nunca me esquecerei desse acontecimento
na vida de minhas retinas tão fatigadas.
Nunca me esquecerei que no meio do caminho
tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
no meio do caminho tinha uma pedra.

Carlos Drummond de Andrade, 1928

Figura 9: Poemas de Bandeira. (A Cara do Brasil, 2023, p. 91)

O objetivo da atividade é: fazer uma leitura dos dois poemas, identificar e discutir com os colegas de sala algumas das características mencionadas na atividade mencionada anteriormente. Contudo, o bicho apresentado no poema de Bandeira possui sentido conotativo (figurado), diferentemente do conceito da atividade anterior (figura 8), que apresenta o bicho de forma denotativa (literal). Ou seja, o poema trata de um ser humano que “ busca restos de comida nos lixos de uma rua de um bairro carioca, como se fosse um animal” (Silva, 2015, p. 43) e a definição abordada literal trata de “uma designação dada a diversos animais” (Araújo; Vicentini; Marcelino, 2023, p. 91).

4.4 Resultados

Com base nas análises apresentadas acima, identificamos a presença de elementos zoomorfizados nos três livros apresentados como metáforas, metonímias e expressões idiomáticas. Também identificamos que os três materiais não abordam didaticamente a presença das metáforas, das metonímias ou das EI, o que poderá levar ao mal aproveitamento dos MDs e até mesmo a ocorrência de aulas improdutivas.

Consideramos que a falta de conexão entre as tarefas pode prejudicar o aprendizado do(a) aluno(a), pois, “à medida que [ele(a)] se depara com diversos conteúdos novos, que não estão em sequência para se complementarem e sem muitas propostas de uso, pode gerar

dificuldades no aprendizado da língua” (Oliveira, 2017, p.56). Ou seja, compreendemos que os MDs ainda se agarram à ideia de que as metáforas são simples figuras de linguagem e que as EIs não precisam ser contextualizadas.

Também defendemos que os materiais de PLA devem ser acompanhados de manuais/livros para os(as) professores, pois “uma vez que esta ferramenta [...] não esteja disponível, os enunciados das tarefas devem ser claros para que o professor e o aluno saibam como proceder” (Oliveira; Soares, 2021, p. 57). Foi o que sentimos com a proposta do livro *A Cara do Brasil*, que não tornou clara as diferenças entre palavras no sentido denotativo e conotativo, o que pode ser perigoso diante da interpretação textual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta deste trabalho partiu de uma curiosidade acerca do tratamento que os seres humanos dão às outras pessoas com termos de animais. Na infância, aprendemos os termos básicos de animais que, por muitas vezes, são trabalhados por analogia aos zoológicos ou à Arca de Noé. Daí, chegamos a uma determinada fase em que alguém é chamado de burro(a), anta(a), baleia(a), entre outros, e, replicamos os mesmos tratamentos aos demais (e até nós próprios). Conforme vamos amadurecendo, mais palavras entram no nosso vocabulário e organizamos em nossa mente os significados, as simbologias e os sentidos para tratar dos zoônimos.

Ao longo da pesquisa, descobrimos que o estudo da zoomorfia não é exaustivo, mas possui característica extensiva. É do nosso interesse investigar a influência dos zoônimos em questões de classe social, de raça e de gênero. E como são interpretados os valores negativos e os valores positivos diante da perspectiva semântica e da pragmática-discursiva. Também desejamos investigar mais a fundo se os instrumentos de controle (rédea, coleira, jugo) podem ser considerados como metáforas de controle em contextos pragmático-discursivos.

Nesse sentido, para dar continuidade na pesquisa, pretendemos criar um *corpus* de metáforas, metonímias e EIs oriundas das redes sociais, músicas ou das telenovelas brasileiras, que por muitos anos exerceram grande influência nos usuários, ouvintes e telespectadores. Para realizar tamanha pesquisa, iremos aprofundar em estudos voltados à teoria funcionalista, à fraseologia e aos estudos sobre discurso e pragmática.

Além disso, percebemos que as metonímias e as EI estão muito presentes na cultura ocidental cristã. Certamente, também vimos a possibilidade de estudar a influência dos textos bíblicos nos aspectos simbólicos em relação aos animais, o ser humano e o ser divino. Para isso, iremos considerar fatores culturais e possibilidades de estudar as zoomorfizações presentes em outras línguas, culturas e crenças religiosas e como elas se comportam no entendimento de outros falantes.

A partir do momento em que trabalhamos as metonímias e as EIs, percebemos que a zoomorfização não é uma particularidade própria entre seres humanos e animais. Os objetos, os discursos e as ações também podem passar pelo processo. Nesse sentido, reforçamos nosso posicionamento que, as palavras zoomorfizadas não estarão somente dentro dos livros didáticos e seus respectivos exercícios estruturalistas de baixo aproveitamento. Os aprendizes de PLA não estão apenas nas salas de aula. Eles conversam entre si, interagem com outros grupos sociais e se comunicam por meio das redes sociais.

Também defendemos uma constante revisão de materiais didáticos de português, quando não há aproveitamento satisfatório por parte dos alunos e também dos professores, que, por muitas vezes recorrem a outros recursos didáticos para otimizar suas aulas. Nesse entendimento, concordamos com Leffa e Irala (2014):

é necessário que certas condições estejam presentes, com base, principalmente, na ação do professor, que negocia com os alunos um objetivo final a ser alcançado e mantém com eles uma interação sustentada até que o objetivo seja finalmente alcançado, proporcionando, assim, as condições necessárias para a aprendizagem (Leffa; Irala, 2014, p. 36).

Por fim, ao considerarmos os elementos discursivos, culturais e sociais nos quais as palavras são usadas, acreditamos que este estudo oferece uma nova perspectiva sobre a relevância das zoomorfizações em comparação com metáforas, metonímias e EIs. E que, futuramente, seja ampliada com a intenção de contribuir para a ciência linguística, para as produções de MD e, sobretudo, no aprendizado de estudantes de PLA.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, N. S.; VICENTINI, M.P.; MARCELINO, A. F. B. **A Cara do Brasil: Português para estrangeiros**. São Luís: EDUFMA, 2023.

ARISTÓTELES. **A Política**. São Paulo: Nova Cultural, 2000.

BARBOSA, C. N.; CASTRO, G. N. de. **Brasil Intercultural: língua e cultura brasileira para estrangeiros**. Ciclo Básico – Níveis 1 e 2. Coordenação Edleise Mendes. Buenos Aires: Casa do Brasil, 2013.

BARBOSA, C. N.; GUIMARÃES, F. **Manual do professor**. Brasil intercultural ciclo básico: níveis 1 e 2. Coordenação Edleise Mendes. Buenos Aires: Casa do Brasil, 2015.

BALLESTEROS. M. L. A. C. Mas, em que contexto? **Revista (Entre Parênteses)**, Volume 6, Número 2, 2017.

BÍBLIA SAGRADA. Tradução dos originais grego, hebraico e aramaico mediante a versão dos Monges. 194ª ed. Ave Maria. São Paulo, 2010.

BOSCATTI, A.P.G; ADELMAN, M. De cavalos e homens: história, poder, estratégias e representações. **Estudos de sociologia**. v.25 n.49 p.221-242 jul.-dez. Araraquara, 2020.

CANDAU, V. M.; RUSSO, K. Interculturalidade e Educação na América Latina: uma construção plural, original e complexa. **Revista Diálogo Educacional**,[S.l.], v. 10, n. 29, p. 151-169, jul. 2010.

CARMO, L. M. A presença do nome do animal gato em expressões fixas do português. **Via Litterae**. v. 8, n. 2 p. 209-226 jul./dez. Anápolis, 2016.

DE MASI, D. **O ócio criativo**. 2.ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

DELL'ISOLA. R.L.P. A metáfora e seu contexto cultural. *In*: PAIVA, V. L. M de O.(Org.). **Metáforas do Cotidiano**. Belo Horizonte, Ed. do Autor, 1998.

EBERLEIN, E. (et al.). **Novo Avenida Brasil 2: curso básico de português para estrangeiros**. São Paulo: Editora E.P.U, 2012.

FERNANDES, E. M. da S. **Expressões idiomáticas no português do Brasil**: análise funcional-tipológica e seu ensino no âmbito de segunda língua. 2011. 226 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) — Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

FERRAZ, M. M. T. Polissemia, metonímia ou extensão de sentido: um estudo da metonímia em diferentes perspectivas da semântica. **ReVEL**, v. 11, n. 20, 2013.

FONSECA, H. C.; CANO, W. M. Expressões metafóricas construídas a partir de zoônimos e registradas em dicionários de língua geral. **Horizonte Científico**. Vol. 5, n. 2, dezembro, 2011.

FLICK, U. **Desenho da pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

LAKOFF, G.; J., M. **Metáforas da vida cotidiana**. São Paulo: EDUC, 2002.

LARAIA, R. B. **Cultura**: um conceito antropológico / Roque 14.ed. de Barros Laraia. — 14.ed. — Rio de Janeiro: Jorge "Zahar Ed., 2001.

LARROSA, J. Tecnologias do Eu e Educação. In: SILVA, Tomás Tadeu (org.). O Sujeito da Educação. **Estudos foucaultianos**. Petrópolis: Vozes, 1999.

LESSA, C.; GUIMARÃES, H. S. **Figuras de Linguagem** - Teoria e Prática. 13. ed. São Paulo: Atual Editora/ Saraiva, 1988.

LEFFA, V. J.; IRALA, V. B. O ensino de outra(s) língua(s) na contemporaneidade: questões conceituais e metodológicas. In: LEFFA; V. J.; IRALA, V. B. (Orgs.). **Uma espiadinha na sala de aula**: ensinando línguas adicionais no Brasil. Pelotas: Educat, 2014, p. 21-48.

LEFFA, V. J.; COSTA, R. A. ; BEVILÁQUA, A. F. O prazer da autoria na elaboração de materiais didáticos para o ensino de línguas. In: FINARDI, K. R.; TÍLIO, R.; BORGES, V.; DELLAGNELO, A.; RAMOS FILHO, E.. (Org.). **Transitando e transpondo n(a) Linguística Aplicada**. Campinas: Pontes, 2019, p. 267-297.

LIMA-HERNANDES, M. C. Nova mente, outro contexto. In: OLIVEIRA, M. R.; ROSÁRIO, I. C. **Linguística centrada no uso**. Rio de Janeiro: Lamparina, FAPERJ, 2015. p. 13-21.

KRAMSCH, Claire. Cultura no ensino de língua estrangeira. **Bakhtiniana**: Revista de Estudos do Discurso, [S.l.], v. 12, n. 3, p. 134-152, dez. 2017.

MENDES, Edleise. A ideia de cultura e sua atualidade para o ensino-aprendizagem de LE- L2. **EntreLíngua**, Araraquara, v. 1, n. 2, p. 203-221, jul./dez. 2015.

NASCIMENTO, C. A. Essa língua é uma fera: uma investigação sobre o uso de metáforas animais no Português brasileiro e sua relevância para o ensino de Português como segunda língua para estrangeiros. **Ensaio em Português como Segunda Língua ou Língua Estrangeira** /PUC-Rio. 26 de nov. de 2022.

OLIVEIRA, B. S. **Construindo o ensino de português como língua de acolhimento:** uma análise da apostila didática Pode Entrar. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2017.

OLIVEIRA, B. S.; SOARES, L. F.. Análise de materiais didáticos de português língua de acolhimento (PLAc). **Revista Intercâmbio**, v.XLVII: 44-66. São Paulo, 2021.

OLIVEIRA, M. R. Contexto: definição e fatores de análise. *In*: OLIVEIRA, M. R.; ROSÁRIO, I. C. **Linguística centrada no uso**. Rio de Janeiro: Lamparina, FAPERJ, 2015. p. 22-35.

PERNAMBUCO. **Mãe coruja pernambucana:** um olhar histórico e afetivo / Governo do Estado; Fundação Maria Cecília Souto Vidigal; prefácio Paulo Câmara; apresentação Eduardo de C. Queiroz. Recife: Cepe, 2017.

PONTES, C. S. A função pragmática dos diminutivos em corpora orais das variedades madrilena e carioca. **Estudos Linguísticos e Literários**, Salvador, n. 67, p. 158–187, 2021. DOI: 10.9771/ell.v0i67.44107. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/estudos/article/view/44107>. Acesso em: 28 jan. 2025.

REGO, P. L. **Caminhos da Desumanização:** Análises e Imbricamentos Conceituais na Tradição e na História Ocidental. 2014. 169 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) — Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

RODRIGUES, M.; TEIXEIRA, M.L.M. “Engolir sapos” no Ambiente de Trabalho: Uma Análise do Fenômeno do Assédio Moral no Cotidiano Profissional. *In*: Conferência “O Assédio Moral no Local de Trabalho: emergência de uma nova realidade”, 7, 2008. **Anais [...]. Lisboa: SOCIUS**, 2007.

SANTOS, L. F. **As muralhas de ganesha**: a bem-aventurança da vida eclode dos oceanos infernais das subjetividades. 2023. 215 f. Tese (Doutorado em Linguística) — Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2023.

SINGH, R. P. B; RATATE, M. J. Ganesha Chaturthi: Cultural-Historical Background and Celebration. **an e-Publication**. 2021.

VAN DIJK, T. A. Coments on Context and Conversation. *In*: FAIRCLOUGH, N., CORTESE, G. & ARDIZZONE, P. (Eds), **Discourse and Contemporary Social Change**. Bern: Peter Lang, p. 281- 316, 2007.

VAN LEEUWEN, T. Multimodality. *In*: SIMPSON, J. (Ed.). **The Routledge handbook of applied linguistics**. New York: Routledge, 2011. p. 668-682.

VERGUEIRO, W.; DE KERCHOVE DE DENTERGHEM, D. E. Os quadrinhos antropomórficos no Brasil: caricatura, diversão e crítica social. **Pacarina del Sur** [En línea], año 6, núm. 23, abril-junio, 2015. Disponível em: <https://www.eca.usp.br/acervo/producao-academica/002735644.pdf>. Acesso em: 02 fev. 2025.

WEISSMANN, Lisette. Multiculturalidade, transculturalidade, interculturalidade. **Construção psicopedagógica**, São Paulo, v. 26, n. 27, p. 21-36, 2018.

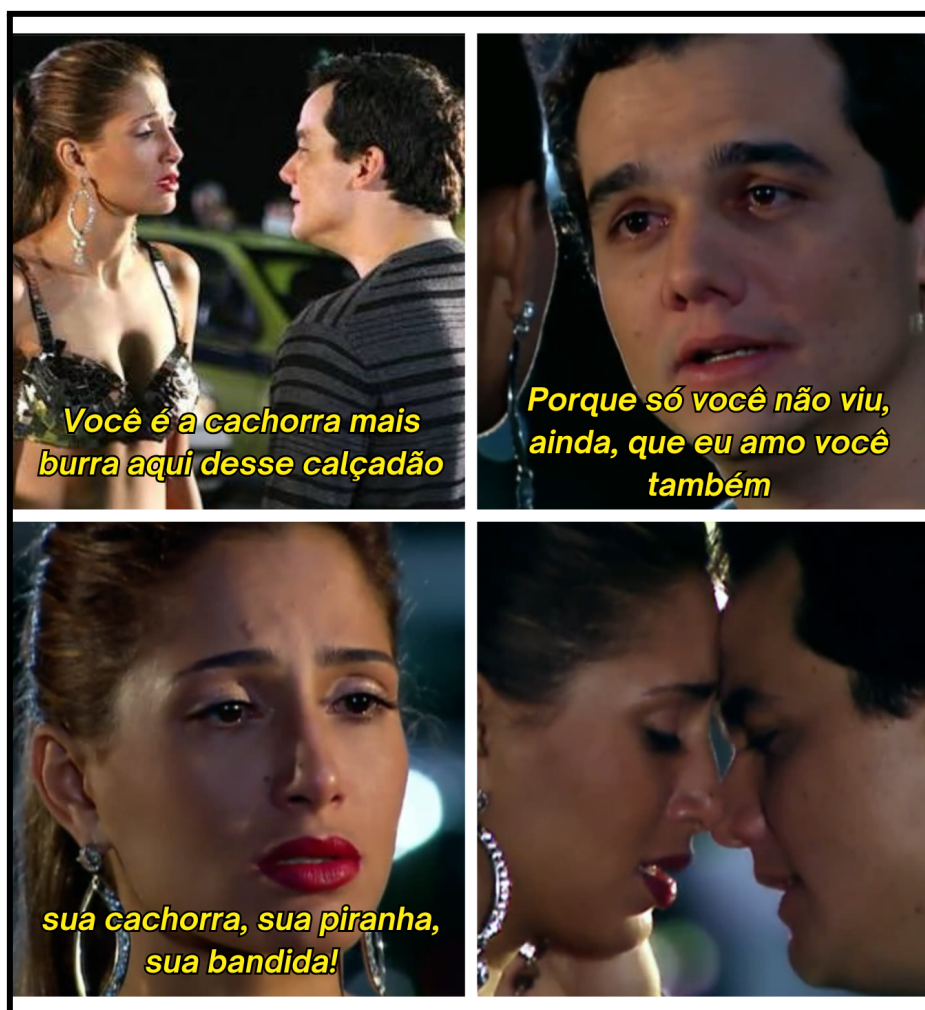
XASTRE, M. **A relevância do item lexical ‘mão’ na Língua Portuguesa**: uma abordagem cognitiva. Dissertação de Mestrado. Universidade Aberta, Lisboa, 2013.

XATARA, C. M. O campo minado das expressões idiomáticas. **Alfa**, São Paulo, 42 (n.esp.): 147-159, 1998a.

XATARA, C. M. Tipologia das expressões idiomáticas. **Alfa**, São Paulo, 42: 169-176, 1998b.

ZANOTTO, M. S. T. Metáfora e indeterminação: abrindo a caixa de Pandora. *In*: PAIVA, V. L. M de O.(Org.). **Metáforas do Cotidiano**. Belo Horizonte, Ed. do Autor, 1998.

APÊNDICE



Paraíso Tropical, 2007: Olavo e Bebel (Wagner Moura e Camila Pitanga)
(Elaboração própria criada na plataforma Canva).

Alcione - A Loba (1997)

Sou doce, dengosa, polida

Fiel como um cão

Sou capaz de te dar minha vida

Mas olha, não pise na bola

Se pular a cerca eu detono, comigo não rola

Sou de me entregar de corpo e alma na paixão
Mas não tente nunca enganar meu coração
Amor pra mim, só vale assim
Sem precisar pedir perdão
Adoro sua mão atrevida
Seu toque, seu simples olhar
Já me deixa despida
Mas saiba que eu não sou boba
Debaixo da pele de gata
Eu escondo uma loba
Quando estou amando eu sou mulher de um homem só
Desço do meu salto
Faço o que te der prazer
Mas ó meu rei, a minha lei
Você tem que saber [...]

Compositores: Luiz Carlos Peralva Junior / Paulo Roberto Dos Santos Rezende
A Loba © Universal Music Publishing Group

Caetano veloso - O leãozinho (1977)

Gosto muito de te ver, Leãozinho
Caminhando sob o sol
Gosto muito de você, Leãozinho.

Para desentristecer, Leãozinho
O meu coração tão só
Basta eu encontrar você no caminho

Um filhote de leão, raio da manhã
Arrastando o meu olhar como um ímã
O meu coração é o sol pai de toda a cor

Quando ele lhe doura a pele ao léu.

Gosto de te ver ao sol, Leãozinho

De te ver entrar no mar

Tua pele, tua luz, tua juba.

Gosto de ficar ao sol, Leãozinho

De molhar minha juba

De estar perto de você e entrar no mar.

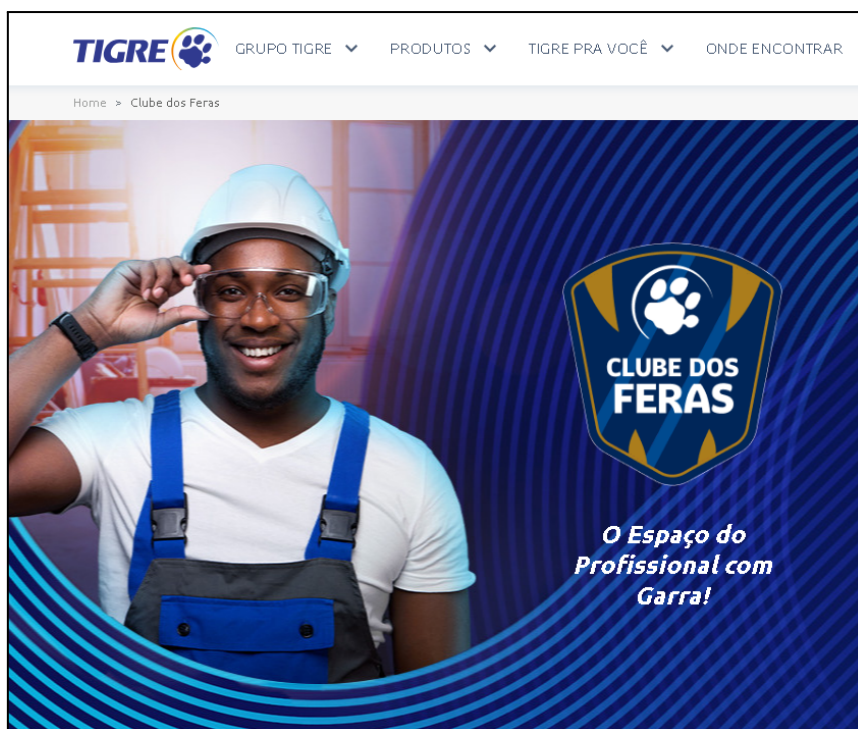
Compositor: Caetano Emmanuel Viana Teles Veloso

“O leãozinho” Warner Chappell Edicoes Musicais Ltda (UBC).



São João Batista com o Cordeiro.

(Fonte: Weiszflog Irmãos/Domínio Público).



“Clube dos Feras”, campanha da empresa Tigre.

(Fonte: Tigre. Disponível em <https://www.tigre.com.br/clube-dos-feras>. Acesso em 19 fev. 2025).

Marketing

A denominação

Amarok tem a sua origem no idioma Inuit.

Amarok significa "Lobo".

Ele representa potência, robustez, resistência e durabilidade, unidos a uma tecnologia inteligente.

Service Training

01.2010 • NV-K/3-TT • 3/39



Veículos Comerciais

Marketing da Volkswagen para a promoção da caminhonete Amarok

(Fonte: Service Training 01.2010 • NV-K/3-TT VW).